

O PARAÍSO

O PARAÍSO

“O PARAÍSO” estreou a 14 de julho de 1929, apresentado pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com o seguinte elenco:

COQUELUCHE	João Vieira
DOIS DE PAUS	Inácio Ratts
SOLIDADE	Gasparina Germano
CONCEIÇÃO	Mundinha Vianna
CONDE	Joaquim Santos
ZÉ ESFOLA	Abel Teixeira
CECY	Celeste Soares
GUSTAVO	Eurico Pinto
REGINA	M. ^a de Lourdes Germano
PAPA-TERRA, JURUBEBA, LADISLAU N. N.	
FERREIRA	
JOÃO GASPAS	
Cenários	Gérson Faria
Músicas	Silva Novo

O PARAÍSO

... o ponto ditou com visível inaptidão: voz tão aguda e estridente que era percebida pelos assistentes não muito próximos. Inácio Ratts, o cômico irresistível de sempre, deu o mais impecável desempenho ao seu papel.

“Correio do Ceará” 18/08/1931

... Trata-se de uma peça de costumes sertanejos, de ótimo feito teatral e entrecortada de passagens interessantes, tão ao sabor do nosso público.

“Correio do Ceará” 15/07/1931



GASPARINA GERMANO: atriz do Grêmio Dramático
Familiar

PRIMEIRO ATO

Cena I

Papa-terra, Jurubeba, Coqueluche, Ferreira, João Gaspar e
Dois de Paus. (CANTAM)

Reine o prazer
Aqui no sertão,
Pois há razão
Pra tal expansão! . . .

Que alegria o João Gaspar
Deve sentir no coração,
Pois que vai realizar
Sua maior aspiração.

É feliz, pois vai casar
E, então, com que fervor
Gozar sua paixão
De amor!

Conseguir, enfim, a mão
Da mais mimosa
E linda flor
Deste sertão!

GASPAR — Vou casar. Vou, enfim, gozar
O meu sonho encantador
A paixão que me faz vibrar
É sem par, é sem igual
E, assim, feliz serei nesta vida
Junto a um lírio de amor
Que embalsama o lar
Com o seu odor, com seu primor
De ideal flor! . . .

DOIS DE PAUS — Vai você, então, casar, hein, João Gaspar ?
GASPAR — É verdade. Vou ter esta ventura.

COQUELUCHE — Vai sabê o qui é bom. . .

JURUBEBA — Eu cá. . . num lhe gabo o gosto. . .

GASPAR — Como assim?

DOIS DE PAUS — Num é realmente uma belezinha a noiva do João!?

GASPAR — E além disso, delicada, modesta e graciosa!?

JURUBEBA — Home, quanto a isto, num hai dúvida. . . Mas esse negoço de casamento. . . Hum. . . Tem cão dentro. (FERREIRA DESCE)

COQUELUCHE — É. Você porque foi infeliz com o seu e. . . naufragou, pensa que todo mundo vai o fundo. . .

D. DE PAUS — Quem anda aos porcos, tudo lhe ronca. . .

FERREIRA — A propósito, Jurubeba, sabes que fim levou a tua cara-metade?

GASPAR — Metade bem cara, realmente.

JURUBEBA — Eu sei lá que fim levou aquela sirigaita! Que o diabo a leve pras profunda. . .

FERREIRA — E a conserve por lá até a consumação dos séculos. (RI)

D. DE PAUS — (TIRANDO O CHAPÉU) Amém!
(J. GASPAR SOBE, SAI À D.)

FERREIRA — Meus amigos, deve chegar hoje da Capital o Gustavo, filho do finado João Galberto.

COQUELUCHE — O que?! O Gustavim?! . . .

D. DE PAUS — Era um menino atentado como os seiscentos di-monho! . . .

FERREIRA — Pois chega hoje, já homem feito. Em sua companhia vem a irmã.

JURUBEBA — A Cecy!?

FERREIRA — A Cecy. E é preciso que sejam bem-tratados aqui em atenção à memória do pai, que foi o maior amigo e protetor de todos nós, quando aqui residia.

COQUELUCHE — A véuva ainda é proprietára do sítio, seu Ferreira?

FERREIRA — É. E eu sou feitor do “Paraíso”, desde 1915, quando o compadre João Galberto mudou-se para a Capital.

D. DE PAUS — A qui hora chega o Gustavim, seu Ferreira? Quero tomem chamá-lo aos peito.

FERREIRA — Quanto à hora, não sei. A comadre Rufina me escreveu, dizendo que ele vem de automóvel. (NOUTRO TOM) Dois de Paus!

D. DE PAUS — Pronto, seu Ferreira!

FERREIRA — Vá lá pra cima do serrote da araponga e quando avistá o auto, solte um foguetão de aviso.

D. DE PAUS — Vige-Maria!, seu Ferreira! É muito dificultoso a gente se atrepá naquele pedreguio. (RIEM)

FERREIRA — Então vá você, Papa-terra.
 PAPA-TERRA — Inhô sim, seu Ferreira. (SAI A D.)
 FERREIRA — Esta lesma não sabe nem trepá!... num serrote...
 D. DE PAUS — E se incorregasse lá de riba e quebrasse o pescoço?!
 FERREIRA — Não se perdia cois'alguma.
 D. DE PAUS — Não, seu Ferreira.
 Si o meno fosse um pedreguinho...
 FERREIRA — Bem; ficam avisados.
 TODOS — Sim senhor.
 FERREIRA — O ponto de reunião é ali na estrada, debaixo do pé de pau branco. (VAI A SAIR, VOLTANDO-SE) Ah! Antes que me esqueça, devo previni-los que hoje temos aluá. (NOUTRO TOM) Preciso falar-te, Jurubeba. (SAI COM ESTE e entram EM CASA) (SAEM OUTROS MATUTOS)

Cena II

Dois de Paus, Coqueluche e depois Solidade.

COQUELUCHE — (RINDO) Antonce você num teve corage?
 D. DE PAUS — Não. Tenho me atrepado é im cavalete, mas num serrote cumo aquele... Voute!
 COQUELUCHE — E você num é dois de pau, qui no barai é pau pa toda obra?!
 D. DE PAUS — Meno pa trepá! Esse negócio de atrepá... só pra bode.
 COQUELUCHE — Home, pru falá im bode, Gaspá passou-lhe a perna, heim?
 D. DE PAUS — Cuma!?
 COQUELUCHE — Você ficou chuchando... O João Gaspar passou-lhe a perna. Pensa que eu num seio qui você pretendia casá c'a Solidade? Mas o João Gaspar... (APARECE SOLIDADE)
 D. DE PAUS — Cala a boca, desgraçado. Ela vem aí...
 SOLIDADE — Viram o João Gaspar?
 COQUELUCHE — Teve aqui, mas já se foi.
 D. DE PAUS — (À PARTE) Deve andá pastando aqui pur perto.
 COQUELUCHE — Menina, arreceba os meus parabem. Parabem dupro.
 SOLIDADE — Duplo?
 COQUELUCHE — Dupro, inhora sim. Pelo seu niversaro e pulo peditóro...
 SOLIDADE — Muito obrigado.
 COQUELUCHE — O João tá sastifeito cumo os dianga... Parece inté que viu... o passarinho verde...

SOLIDADE — E aí o Dois de Paus não me dá parabéns?!
DOIS DE PAUS — Dou, menina. Dou. Faça de conta que já os
arrecebeu. (VAI A SAIR E.)
SOLIDADE — Olhe! (DOIS DE PAUS PARA) Venha provar do
aluá. (DOIS DE PAUS BALANÇA A CABEÇA E SAI E.)
COQUELUCHE — Aquele é qui deve tá danado de contente. Assim
como uma barata no bico de uma galinha... A menina já
viu? (CONFIDENCIAL) Ele foi barrado... Ele desejava...
(NOUTRO TOM) Bom. Lá vem o João Gaspar. Vou m'embra-
bora. Num quero, de modo argum, atrapaiá os noivo. Adeus,
menina. (SAI E.)
SOLIDADE — Até mais tarde.

Cena III

Solidade, Gaspar e depois Conceição.

GASPAR — (A D.) Solidade! Muito em breve estaremos unidos
por toda a vida.
SOLIDADE — Se Deus quiser, João.
GASPAR — Escolhi para pedir-te o dia de teus anos. Mas estava
tão receioso...
SOLIDADE — De que?
GASPAR — Podia o velho receber mal a minha pretensão...
SOLIDADE — Ora, isto eu nunca receei. O papai gosta muito
de você, João. E depois, há muito tempo que ele desconfia-
va da história... Via você rondando sempre por aqui, pas-
sando pela nossa porta três, quatro vezes por dia...
GASPAR — É verdade.
SOLIDADE — Não se lembra que, uma vez, ele nos pegou con-
versando, na porteira do curral?
GASPAR — Lembro-me, sim. Por sinal que eu, quando o avistei,
fiquei gelado da cabeça aos pés, e tratei logo de raspar-me.
SOLIDADE — Pois ele, quando você se retirou, passou-me um sa-
bonete em regra. Disse que reconhecia não ser você um
mau partido; mas que não admitia namoricos. “Se e'e quer
casar, que case logo” — exclamou.
GASPAR — E como a gente pode casar sem antes namorar uma
coisinha, Solidade?
SOLIDADE — Antes?! É depois. Você bem sabe que aqui no ser-
tão dá-se quase sempre isto. Verdadeiramente, a gente só
começa a nomorar depois que casa. Aí sim: é à vontade.
Mesmo quando se é noivo, a fiscalização é rigorosa. Papai
diz que já viu muito casamento se desmanchar... na por-
ta da igreja.
CONCEIÇÃO — (ENTRANDO) Estão aproveitando a ausência do
velho, heim?! Ele está em casa.

GASPAR — Nós já somos noivos, Ceição.

CONCEIÇÃO — Nem mesmo assim, o ti Ferreira há de consentir
você conversarem, assim, sozinhos... É bom, num é?

SOLIDADE — Mas dentro em breve estaremos casados, Ceição.

CONCEIÇÃO — É. Mas daqui até lá... morre o burro e quem o
tange.

GASPAR — Não tens inveja da nossa felicidade, Ceição?

CONCEIÇÃO — Homem, eu nem sei o que lhe diga... Como eu
nunca experimentei... não é?

SOLIDADE — Mas tens vontade, não?

CONCEIÇÃO — Assim, assim. É cedo ainda...

GASPAR — (PASSANDO) Constituir um lar, viver ao lado de uma
criaturinha que se adore, deve ser a suprema aspiração do
homem.

A esperança nos abriga
Com suas asas poderosas
E criaturas mais ditosas
Não há, decerto, então,
Meu coração!

AMBOS — Nossa afeição é tão antiga
Nasceu, nós éramos crianças.
Como são ternas as lembranças
Vibrantes de emoção.

Sim, vai ser nosso ninho
A mansão gentil
Do amor
No carinho
Deste fervor
Na mais santa efusão

GASPAR — E orgulhoso assim
Viverei então
Ao calor
De tu'alma
Que o amor bendiz
E, no seu candor,
Me faz tão feliz.

AMBOS — Um tão prazer não se descreve
Tão jovial!
Para quem ama a vida é breve
Mas ideal!
A desferir eterno hino
De ardente amor
Que prazer supino
Fremente
De infinito ardor!

CONCEIÇÃO — Ih!... Seu João Gaspar canta com um fogo!...
(OUVE-SE UM FOGUETÃO) (FERREIRA E JURUBEBA,
APRESSADOS, SAEM DE CASA E VÃO D./OS MATUTOS
QUE SAÍRAM E. ATRAVESSAM A CENA AS PRESSAS.)
CONCEIÇÃO — Gentes!... Que rebuliço será esse?
SOLIDADE — Devem ser os hóspedes que o papai espera. (DIRI-
GEM-SE À CASA. JOÃO GASPARG DESPEDE-SE À PORTA
E SAI D.)

Cena IV

Conde entra, espantado, quase à força, conduzido pelos matutos. Entra também Zé-Esfola. (Cada um conduz uma maleta)

FERREIRA — Um abraço, rapaz.
COQUELUCHE — Agora o meu.
D. DE PAUS — Venha de lá essas costela.
JURUBEBA — Chegou agora a minha vez.
CONDE — (À PARTE) Ufa! Por quem me tomaram esses imbecis?
FERREIRA — Então? Fez boa viagem?
CONDE — Regular.
D. DE PAUS — O austromove num deu o prego, não?
CONDE — Enguiçou apenas uma vez. (À PARTE) E agora quem está enguiçado sou eu.
COQUELUCHE — (PARA ESFOLA) Este camaradilha quem é?
ZÉ ESFOLA — Ei! Chegue pra lá. Chegue pra lá, páisano.
CONDE — É meu subalterno. (À PARTE) Mas isto se me afigura um verdadeiro inquérito. (ALTO) Algum dos senhores é autoridade?
FERREIRA — Eu sou suplente do juiz.
CONDE — (À PARTE) Suplente de juiz...
FERREIRA — (PARA JURUBEBA) E este aqui é subdelegado de polícia.
CONDE — (À PARTE) Subdelegado de polícia... (OLHA PARA OS LADOS)
FERREIRA — Como deixou a comadre Rufina?
CONDE — A comadre Rufina?
FERREIRA — Sim, homem.
D. DE PAUS — E a Cecy por que num vei?
CONDE — A Cecy?! E eu sei cá da Cecy, nem da comadre Rufina!... (À PARTE) e nem do diabo que os carregue. (OS MATUTOS ENTREOLHAM-SE ESPANTADOS) Quem pensam os senhores que eu sou?
FERREIRA — O Gustavinho.
COQUELUCHE — Você num é o Gustavinho?

CONDE — Qual Gustavinho, nem Gustavão... Estão redondamente enganados.

TODOS — Oh!...

FERREIRA — Est'agora...

COQUELUCHE — Foi uma dos diabos!

D. DE PAUS — Uma atrapaiação safada...

FERREIRA — Papa-Terra.

PAPA-TERRA — Pronto, seu Ferreira!

FERREIRA — Trepe de novo no serrote, Papa-Terra, e leve outro foguetão.

PAPA-TERRA — Inhô, sim, seu Ferreira. (SAI)

FERREIRA — (PARA O CONDE) Queira desculpar-nos.

COQUELUCHE — É. Nós pensava qui o sinhô fosse o Gustavim do João Gualberto.

CONDE — Pois não sou. (DEPOIS DE OLHAR EM TORNO) Este lugar aqui é sossegado?

D. DE PAUS — Ah! Demais.

JURUBEBA — Ist'aqui é uma paz de sumitero...

D. DE PAUS — Im dia de finado. É.

CONDE — Os senhores poderão informar-me se há aqui algum hotel?

COQUELUCHE — Hai não.

CONDE — E alguma casinha desocupada pela redondeza?

D. DE PAUS — Ah, isso hai. Ali pertinho. (APONTA) Aquela acolá, qui tá fechada.

FERREIRA — O proprietário mora numa casa vizinha.

COQUELUCHE — É o Ciriaco Pica-Fumo.

FERREIRA — Mas, afinal, o senhor quem é?

CONDE — Nada lhes adiante saber quem eu sou.

JURUBEBA — E a sua graça?

CONDE — Também nada lhes adianta saber a minha graça. (PEGA A MALOTA)

D. DE PAUS — (A PARTE) Que sujeito desengraçado e intratave.

COQUELUCHE — E esse seu suba... suba o que, home?

CONDE — Terno.

COQUELUCHE — Ah! subaterno, que apito toca (APROXIMA-SE)

ZÉ ESFOLA — Num se chegue. Num se chegue, paisano. Tou sozim prá esfolá um.

COQUELUCHE — Vá isfolá o cão. Qu'individuo má-criado!...

Cena V

Os mesmos e Solidade.

SOLIDADE — Papai, o Gustavinho e a Cecy chegaram?

FERREIRA — Não, senhora.

CONDE — (SOLTANDO A MALA, CANTA)

Mas, ó céus, que maravilha!
Que suprema perfeição!
Porventura é sua filha
Esta flor inda em botão?!

FERREIRA — É minha filha, sim senhor.

É minha filha Solidade
Mas desencoste, por favor
Eu não tolero liberdade. . .

CONDE — Deixe-me haurir o perfume

Desta bonita silvestre
Os anjos têm ciúme
De um tal arcanjo terrestre.

FERREIRA — Solidade!

SOLIDADE — Senhor!

FERREIRA — Vá lá pra casa. (SOLIDADE SAI E OUVES-SE UM FOGUETÃO)

MATUTOS — É o Gustavinho! É o Gustavinho! (SAEM APRESADOS E.)

Cena VI

Conde e Zé-Esfola.

ZÉ-ESFOLA — V. Senhoria vai acampar aqui neste arraial?

CONDE — Vou. Bivacar.

ZÉ-ESFOLA — Por muito tempo?

CONDE — O senhor tem alguma cousa a ver com isto?

ZÉ-ESFOLA — (ENCOLHENDO-SE) Não senhor. É porque...

CONDE — (INTERROMPENDO) Toma cuidado, Zé-Esfola. Toma cuidado. Nada de tagarelice. Se bates com a língua nos dentes... eu te estrangulo. (AGARRA-O PELA GORJA)

ZÉ-ESFOLA — Ai! Pelo amor de Deus! Num me mate. (CONDE SOLTA-O)

CONDE — (DEPOIS DE PAUSA) Essa gente do mato é muito bisbilhoteira, e tu sempre foste um grande linguarudo...

ZÉ-ESFOLA — Eu juro, seu Con... (OUVEM-SE VIVAS AO LONGE)

CONDE — (CANTA)

Chitom!... Caluda!

ZÉ-ESFOLA — Chiton!... Caluda!

CONDE — Ouve-me cá
Presta atenção:
Todo cuidado
É preciso.
Bico calado,
Muito juízo,
Muito juízo
E discrição
Foste sempre
Um tagarela
Toma sentido
E cautela...
Se me descobrem,
Que coisa atroz,
Triste de mim

ZÉ-ESFOLA — Triste de nós.
(OUVEM-SE VIVAS MAIS PERTO. CONDE E ZÉ-ESFOLA
SAEM APPRESSADQS D.)

Cena VII

Matutos, Gustavo, Cecy, Regina e depois Solidade.

GUSTAVO — (ENTRANDO) (A TIRACOLO, UMA MAQUINA
KODAC) Safa! Vocês me matam de tanto abraço.

D. DE PAUS — Este será o Gustavinho mermo?

COQUELUCHE — Home, desta vez num hará ingano não?

GUSTAVO — Sou Gustavo Gualberto de Maracaiá. E aqui está
minha irmã Cecy. (FERREIRA VAI FALAR-LHE)

D. DE PAUS — (À PARTE) Ai! É um pedaço. Bonita de cum
força.

COQUELUCHE — (PARA DOIS DE PAUS) Qui óios, heim?!

D. DE PAUS — Chega incandeia a gente, menino.

FERREIRA — E esta outra moça?

CECY — É uma amiguinha. Veio conhecer o sertão.

D. DE PAUS — (À PARTE) Meus Deus! Outo pedaço. Eu acho
que desta vez me despedaço!...

JURUBEBA — Adeus, seu Gustavim. Est'mei munto vê-lo cum
Saúde. Chico Jurubeba pra servi-lo.

GUSTAVO — Jurubeba?! Obrigado. Não sofro do fígado.

PAPA-TERRA — Inté d'outa feita, sem Gustavim. Adeus, meni-
nas.

GUSTAVO — Passar bem. (NOUTRO TOM) E sua filha, Ferreira?

FERREIRA — Solidade! (ESTA APARECE) Está aqui a minha
filha. Solidade, fale com o Gustavinho e aqui com as meni-
nas.

- GUSTAVO — (APERTANDO AS MÃOS) Oh! Mas é linda. Não achas, Cecy?
- CECY — Realmente. É muito bonita. (ABRAÇA-A) Apresento-lhe minha filha amiguinha Regina. (ABRAÇAM-SE)
- FERREIRA — Gustavinho, quando quiser descansar já sabe. A casa é ali. Você saiu daqui tão pequeno que talvez não se recorda mais de nada.
- GUSTAVO — Ainda me lembro de muita cousa, seu Ferreira. As impressões colhidas na infância jamais se apagam de nossa memória.
- FERREIRA — Solidade, leve as meninas pra casa. Tirar esses chapéus; ficarem à vontade. (SAI, ENTRANDO EM CASA)
- SOLIDADE — Vamos? (SAEM AS TRÊS)

Cena VIII

Gustavo, Dois de Paus e Coqueluche.

- GUSTAVO — É muito graciosa essa filha do velho Ferreira.
- D. DE PAUS — É... bem chiquezinha.
- GUSTAVO — Como é seu nome?
- D. DE PAUS — Num se lembra mais d'eu não, seu Gustavim?
- GUSTAVO — Não.
- D. DE PAUS — Apois eu sou o Mané Fulô, mas toda gente aqui, me conhece pur Dois de Pau.
- GUSTAVO — Dois de Paus?! Ora essa... Porque?
- D. DE PAUS — E eu sei?! Foi seu Ferreira, que é metido a ingrado, qui me butou esse pelido. E o dimonhe pegou.
- COQUELUCHE — Todo mundo aqui tem pelido. Esse seu Ferrêra é safado pra pilidá a gente.
- GUSTAVO — E o seu qual é?
- COQUELUCHE — (DESCONSOLADO) Coqueluche.
- GUSTAVO — Coqueluche?! Esse seu Ferreira tem cada uma... (NOUTRO TOM) Diz-me cá, Dois de Paus, há muitas moças bonitas por aqui?
- D. DE PAUS — Hai. As meninas daqui são... (BELJA A PONTA DOS DEDOS)
- COQUELUCHE — Ora... Só o Ciriáco tem três fia que é três pancadão. Cada qual a mais jeitosa.
- GUSTAVO — (ALEGRE) Ah! Então já sei que vou passar bem, (OS MATUTOS ENTREOLHAM-SE) deliciosamente, esta temporada no Campo. Estou no meu elemento. Onde existem moças bonitas, navego num mar de rosas.

(CANTA)

Sei
Que sem favor

Farei

Neste sertão
Grande furor,

Porque

Assim pimpão
Sou um bichão...

A vida levo a flautear
Pois isto me apraz.

Sou um rapaz
Que sabe amar
Gosto de mil

De uma só vez
Com todas elas

Sou gentil
Tão cortês

A me exprimir
Com um jeito tal

Sei seduzir...

Nas lutas de Amor
Não há igual

No primor!...

D. DE PAUS — (APROXIMANDO-SE) Coqueluche, esse Gustavim tá mal-intencionado...

COQUELUCHE — Ôio vivo, Dois de Paus. (NOUTRO TOM) Inté logo, seu Gustavim.

GUSTAVO — Adeus. (REPARANDO EM CONDE) Quem é aquele figurão?

COQUELUCHE — É o misterioso.

GUSTAVO — Misterioso?...

D. DE PAUS — Inhô, sim. Apareceu aqui, sem ninguém sabê d'onde vêi, nem pr'onde vai.

COQUELUCHE — E nem o nome quis dizê. Adeus, seu Gustavim.
(SAI D.)
D. DE PAUS — Ingraçado é qui nós arrecebemo ele cum festa,
pensando que fosse seu Gustavim.
GUSTAVO — O que? Julgaram que aquele jagodes era eu?!

Cena IX

Gustavo, Dois de Paus, Conde e depois Zé-Esfola.

CONDE — (PARA DOIS DE PAUS) Pode por obséquo informar-me se há alguma casa desocupada aqui por perto?
DOIS DE PAUS — Eu já num insinei o senhor aquela acolá?
CONDE — Aquilo não é casa, é uma pocilga, um chiqueiro ignóbil.
D. DE PAUS — Apois, ignobe ou não, aqui pur perto, desocupada só tem mermo aquela.
CONDE — (PARA GUSTAVO) Este senhor talvez me possa dar melhores informações.
GUSTAVO — Eu não residó aqui. Aqui nasci, é verdade, mas há longos anos me achava ausente. Cheguei há pouco.
CONDE — Ah! O senhor é que é... o Gustavinho?
GUSTAVO — Sou. Porque? Conhece-me?
CONDE — Não senhor. É porque hoje, ao aproximar-me daqui, cercaram-me o automóvel, numa manifestação estrondosa, vivas, abraços, o diabo! Depois explicou-se a cousa: julgavam que eu fosse o senhor.
GUSTAVO — Aí o Dois de Paus relatou-me o caso.
CONDE — Foi abraço e mais abraço. Fiquei atordoado. Perguntaram-me pela comadre Rufina.
GUSTAVO — Minha mãe.
CONDE — (CONTINUANDO) pela Cecy
GUSTAVO — Minha irmã.
CONDE — E não sei mais por quem... (RI)
GUSTAVO — Com quem tenho a honra de falar?
D. DE PAUS — (A PARTE) Vamo vê só ele desta vez disimbuxa.
CONDE — O meu nome?
GUSTAVO — Sim. Não há criatura sem nome, nem nome sem sobrenome.
CONDE — Pois o meu nome é... é... Felipe... Felipe... Silveira.
GUSTAVO — E o meu, Gustavo Gualberto de Maracajá.
CONDE — O Senhor pretende demorar-se aqui?
GUSTAVO — Alguns dias apenas. Vim matar saudades e tratar de certo negócio de meu interesse. Daí, pode ser até que demore mais do que pretendia. (CONFIDENCIAL) Há tanta menina bonita na zona. Uma canja.
D. DE PAUS — (A PARTE) É canjão.

GUSTAVO — A filha do velho Ferreira, por exemplo, é graciosíssima.

CONDE — Eu a vi. E posso atestar como autoridade na matéria: é um primor. De formas tão bem proporcionadas que até parece haver sido confeccionada sob medida.

GUSTAVO — (RINDO) E a prestação. (PARA D. DE PAUS) As meninas daqui gostam de namorar?

D. DE PAUS — Inhor não. Coisinha. São muito arisca. É vê nambu qui quando a gente pensa qui tá imriba ela já vão longe.

CONDE — Talvez desconheçam, até, o amor, o amor ardente, o amor violento, impetuoso e voraz!

GUSTAVO — (BREVE) Que transforma as criaturas em irracionais...

D. DE PAUS — Amô aqui, seu moço, é bem bem-querer.

CONDE — O termo é de fraca significação. Bem-querer não é amor.

GUSTAVO — Bem-querer é querer bem, e querer bem não é amar.

CONDE — No bem-querer não há a veemência do sentimento, a impetuosidade da paixão, que, como a Fé, remove até montanhas.

GUSTAVO — Dois de Paus, você já teve algum namoro... lascado?

D. DE PAUS — Lascado?

CONDE — Sim. Afuncado, ferrado.

D. DE PAUS — Inhor não. Ferrado aqui é o gado; isto é, o vacum e o cavalá; porque o bodum e o ovelhá é mais é assinalado. Nas urêia...

GUSTAVO — Então não gozou ainda um namorozinho colado, apertado.

D. DE PAUS — E eu sou doido?! Aqui num hai disso não, seu moço. Aqui num se aperta nada. Apertou: tá na faca ou no cravinote.

CONDE — Pois nos grandes meios, o namoro é uma cousa estu-penda.

GUSTAVO — Então nos cinemas... deus-nos-acuda.

D. DE PAUS — Aqui é muito diferente. Oiçum lá e tomem tenença na coisa.

(CANTA)

Pois salba, então, vossa mercê

Qui aqui nos mato num se vê

Os tais namoros, assim de atracá,

Pois isto é coisa de arripiá

E eu vou le ispicá porque

Esse chamego num se vê

É qui nós sabe dizê

As mocinha de cá

Quando qué se afuncá:

D. DE PAUS — “Menina, toma cuidado
Olha lá o passo da ema,
qui o namoro agoniado
Cheira logo a alfazema”

Se nós vê uma mocinha
No chamego se afuncá
Nós receita a tal meizinha
Da quadrinha populá

Pur isso é qui
Não se vê
No sertão Bis
Os tais nomoro
De atracação!

(REPETEM)

CONDE — Sim, senhor. Esteve boa a explicação.

GUSTAVO — Como é a quadrinha popular?

D. DE PAUS — É assim:

Menina toma cuidado
Repara o passo da ema,
Namoro muito avexado
Vai indo... e cheira a alfazema”

CONDE — Bom como o diabo!...

ZÉ-ESFOLA — (ENTRANDO) (PARA CONDE) A bóia já está pronta.

CONDE — Vamos lá. Dêem-me licença.

GUSTAVO — Pois não, Sr. Felipe.

CONDE — Felipe?! Ah! Sim. Felipe da Silveira. Passar bem, Sr. Gustavo. Até outra vez, Dois de Paus. (SAI COM ZÉ-ESFOLA)

GUSTAVO — Macacos me mordam se esse marreco não deu um nome suposto. Mas quem será esse pássaro bisnau?!

D. DE PAUS — Inté mais, seu Gustavim. (SAI D.)

GUSTAVO — Até mais, Dois de Paus.

Cena X

Gustavo, Solidade, Cecy, Regina, Conceição e depois Dois de Paus.

CECY — (ENTRANDO) Gustavo vai te servir alguma cousa. Deves estar com fome.

SOLIDADE — Papai está esperando o senhor

GUSTAVO — Neste caso, não o façamos esperar. (SAI)

CECY — És realmente muito bonita, Solidade.
SOLIDADE — A senhora, sim, é que é bonita.
CECY — A senhora! Que tratamento cerimonioso!... Ainda há pouco, chamaste-me “Dona Cecy”; agora me tratas por “Senhora”... Trata-me por tu, Solidade, chama-me Cecy.
SOLIDADE — Falta de costume.
CECY — Quantos apaixonados já tens?
SOLIDADE — Um.
REGINA — Só!?
CONCEIÇÃO — Ela é noiva. Foi pedida hoje.
C. e REG. — Hoje?
CONCEIÇÃO — Sim. E vai casar muito breve.
CECY — Casar! Tão moça ainda!
REGINA — Na verdade!...
SOLIDADE — Fiz 16 anos hoje.
CECY — A gente deve casar, Solidade, depois haver gozado um pouco a vida, a mocidade. Casar é dar os pulsos a algema.
REGINA — É. O casamento é uma prisão, é uma cadeia.
CONCEIÇÃO — Meu Deus!... E quanta gente não vive suspirando ansiosa, por se ver aprisionada em tal cadeia!...
REGINA — Mas não há pressa. Quem corre cansa.
CECY — Olha: dá-se corda, ao mesmo tempo, a dois rapazes, a três, a quatro, a seis ou a mais...
CONCEIÇÃO — Virgem Santíssima. É um farrancho!...
CECY — (CONTINUANDO) Para depois, então, escolher-se, com calma, o melhor.
CONCEIÇÃO — “Quem muito escolhe... ao pior se apega”.
CECY — Precisavas, Solidade, era passar algum tempo comigo na Capital.
REGINA — Ela precisava tomar um banho...
SOLIDADE — (INTERROMPENDO) Tomo todos os dias.
CONCEIÇÃO — É. Ela toma todos os dias, no açude.
REGINA — Vocês não me deixam completar a frase: precisava tomar um banho de civilização.
CONCEIÇÃO — Nós aqui temos é banho de rio de açude...
CECY — Isto aqui deve ser muito agradável, — não nego — mas viver-se a vida inteira socada neste recanto do sertão!...
REGINA — E depois — o que é bem pior — ver-se acorrentada, pelo casamento, a um matuto boçal...
SOLIDADE — Protesto! Meu noivo não é um matuto boçal.
CONCEIÇÃO — É não. É até instruído.
SOLIDADE — E além disto, estou, desde criança, habituada à vida tranqüila e feliz que aqui desfrutamos. Não me seduzem as belezas da capital.
CECY — Pois lá, com os teus predicados e graciosidade, poderias obter facilmente um consórcio de melhores vantagens.

SOLIDADE — (ABORRECIDA) Dispensio perfeitamente tais vantagens.

CECY — Bem. Não vamos a brigar por isto. O que te disse foi simplesmente visando o teu interesse.

SOLIDADE — Obrigada.

D. DE PAUS — (ENTRANDO D.) Menina Solidade! . . .

SOLIDADE — Venha cá. Chegou a propósito. Cante qualquer coisa, que nos divirta.

D. DE PAUS — Só se for um batuque, menina. Querem um batuque?

REGINA — Um batuque?! Ora. É o que nós queremos! . . .

D. DE PAUS — E vamicês arremelechem?

REGINA — Arremelechemos.

D. DE PAUS — Antonce vamo vê.

(CANTA OLHANDO SOLIDADE)

Ai, linda rosa

Mulata cheirosa

De dar-te um beijo

Só tenho desejo.

CÓRO — Linda rosa

Mulata cheirosa

De dar-te um beijo

Só sente desejo.

DOIS DE PAUS — Fico nervoso

Meu peito se agita

Assim dengoso

Mulata catita.

CÓRO — Fica nervoso

Seu peito se agita

Assim dengoso

Mulata catita. . .

FERREIRA — (DA PORTA) Meninas! Venham ouvir as prosas do Gustavinho. . .

SOLIDADE — Vamos?

CECY — Não. Vão vocês. Estou enfarada das prosas de meu irmão. (SAEM AS OUTRAS) (DOIS DE PAUS SOBE)

CECY — (DEPOIS DE ASPIRAR) Mas que ambiente deliciosamente perfumado! . . .

Cena XI

Cecy, Dois de Paus e depois Gustavo e Coqueluche, Jurubeba e Papa-Terra.

D. DE PAUS — (APROXIMANDO-SE) É o cheiro das fulô do pau branco, menina.

CECY — Credo! O senhor pregou-me um susto!

D. DE PAUS — Discurpe, menina. Mais é um préfume chêroso mermo o das fulô do pau branco.

CECY — É o senhor o noivo de Solidade?

D. DE PAUS — (SUSPIRANDO) Qual, menina! Quem sou eu!?... Um pitéazim daquele num se fez pra Dois de Paus. (SUSPIRA)

CECY — O senhor suspirou. Parece estar com inveja.

D. DE PAUS — Num digo qui sim, nem qui não, menina; antes pulo contrato. Ela é tão fermosinha.

CECY — Mas devem existir aqui outras tão formosas como Solidade.

D. DE PAUS — Pru meu gosto, cumo aquela, num hai nenhuma...

CECY — Pois na capital há com fartura. Moças lindas como os amores.

D. DE PAUS — Disto eu seio.

CECY — Já esteve lá?

D. DE PAUS — Duas vez. Vi munta moça bonita lá, mais porém, os traje... Nossa Senhora!... As sainha — óia lá — pur aqui, cotosinha assim.

CECY — Viu, então, muita perna bem feita, não?

D. DE PAUS — Vi, menina. Vi muita perna grossa. Cada batatão assim. Mais vi tomém... muito taquari, cada cambitinho qui só perna de aranha caranguejêra.

CECY — A comparação é desrespeitosa.

D. DE PAUS — E antonce... os arremelêcho...

CECY — Os arremelêcho?!...

D. DE PAUS — Inhora sim. Vi umas muié lá qui quano andavum, era tetrocendo as anca num saracotêi safado, num arremelêcho sévergonho. Assim, ói. (IMITA) Era vê cascavéu, quano a gente pisa ela no mêi.

CECY — Não achou bonito?

D. DE PAUS — É bonito, madaminha. É muito bonito, mais porém, nas muié e nas fia dos outro. É. Muié minha, ou fia minha num andava cum aquelas visage não.

CECY — Pois aquilo é o chic. Aquilo é que traz àgua ao bico de muita gente.

D. DE PAUS — Ai, madaminha, num me fale nisso. Eu ficava às vez, pra que negá, madaminha, num é? — eu ficava às vez cum o bico chêi d'água. Chega babava...

CECY — Já amou alguma vez?

D. DE PAUS — Cuma?!...

CECY — Pergunto se já amou alguma vez.

D. DE PAUS — Eu? Inhora não; quero dizê... sim, isto é... (NOUTRO TOM) Eu num sei nem que qui diga.

CECY — Sabe conjugar o verbo amar, dando-lhe a interpretação verdadeira e expressiva?

D. DE PAUS — Sei o que!! Num sei nem de que se trata.

CECY — Quer aprender comigo?

D. DE PAUS — Quero, madaminha. Taí uma coisinha qui eu quero. Tudo c'a sinhora subé me ensine, madaminha, qui eu pru minha vez, hei de le ensiná muita coisa tomém qui eu sei; e tem pra mim c'a menina inda num sabe não. Tocá harmônica, pur inzempro.

CECY — Pois; preste atenção. (CANTA)

Quem o verbo amar
Sabe com arte interpretar,
Na carícia
De um sorriso,
Goza uma delícia
Repassada de ternura

Paraíso!
Da Ventura!

O Amor
É divino
Peregrino
Tentador
Febril

Nos transforma
De uma forma
Sutil

O ardor
Que se sente
De repente
Com vigor
É tal

Que extasia
De alegria
Real!

(FALANDO) Que tal?

D. DE PAUS — Teve boa a lição, madaminha.. C' uma profesora assim cumo a senhora, eu aprendo tudo qui quisé me'insiná.

CECY — Dar-lhe-ei depois outras. Quer?

D. DE PAUS — Quero, madaminha. Quantas quisé... Eu aguento de pé firme

Cena XII

Dois de Paus, Cecy, Gustavo e depois Coqueluche, Jurubeba e Papa-Terra.

GUSTAVO — Estás dando trela ao Dois de Paus, Cecy?

CECY — Dois de Paus?!

GUSTAVO — É a alcunha deste cidadão.

CECY — Ele já esteve na capital, Gustavo, e ficou verdadeiramente escandalizado com os vestidos usados hoje.

GUSTAVO — Pois, meu amigo, isto vem de longe. Na antiguidade, as senhoras usavam vestidos compridos, tão compridos que mal se via a pontinha dos pés, mas não iam a um baile, sem mostrar... o colo, num decote por aqui. Depois do decote, veio a moda de mostrar os braços nus, com uma cava por aqui. Depois veio a moda das saias abat-jour, — para mostrarem... as pernas. Depois...

D. DE PAUS — (INTERROMPENDO) Abasta, home. Eu já sei. Vão amostrando, num é? vão amostrando tudo... a prestação. (APARECE COQUELUCHE E. B.)

GUSTAVO — (RINDO) É isso mesmo. (VENDO COQUELUCHE) Cecy, eis outro tipo bizarro cá da terra: o sr. Coqueluche.

CECY — Coqueluche?

COQUELUCHE — Num vê, menina, qui quano eu era menino, quage morro dessa marvada mulesta. Tossia pra me acabá. Tive vai num vai pru buraco, na cidade dos pé junto. E antonce me pilidaram de Coqueluche. No começo, eu ficava brabo. Quando me chamavum Coqueluche, eu gritava, Coqueluche é a... Ou, quero dizê, é o... diabo que o carregue. Mais aí é qui me chamavum Coqueluche... E pur Coqueluche eu fiquei, s'a dona.

CECY — Mas que nomes!... Dois de Paus, Coqueluche!...

D. DE PAUS — E aí chegam mais dois: Papa-Terra e Jurubeba.

P. T/JUR. — (E. D.) Bó tarde!

COQUELUCHE — Aqui tudo tem pilido. É mais pió de qui o Aracati. (1)

D. DE PAUS — Dos quatro o único qui num é sorteiro é o Jurubeba.

CECY — É casado?

JURUBEBA — Assim, assim; menina, isto é, sou, e num sou; e sendo.

GUSTAVO — Como é isto, homem?

COQUELUCHE — Ele tá dizendo a verdade. É e num é; sem déxá de sê.

(1) Município do Ceará, notável por seus famosos apelidadores.

GUSTAVO — Mas que história complicada!... Então, é, e não é, sem deixar de ser?!

COQUELUCHE — Prefeitamentes. (CONFIDENCIAL) Num vê qui a muié dele... deu uma topada... e arribou!...

(J. GASPAR ENTRA NA CASA DE FERREIRA)

GUSTAVO — De maneira que o pobre Jurubeba não é, nem solteiro, nem casado, nem viúvo...

JURUBEBA — Eu já me sastifazia o meno im sê veúvo, seu moço.

D. DE PAUS — Tomém, dêrna do dia c'a muié deu a topada qu'ele só anda aimado. (RI)

CECY — Armado?

COQUELUCHE — Aimado im guerra.

GUSTAVO — Mas que espécie de armadura ou armação é a sua, Jurubeba?

JURUBEBA — Uma faca e um revolve, seu moço. Pruque s'eu argum dia pegá a miserave, ou mato de tiro ou como ela de faca.

Cena XIII

Os mesmos e Ferreira, J. Gaspar, Solidade, Regina e Conceição.

FERREIRA — (ENTRANDO COM AS MENINAS) Já vieram para? É cedo ainda...

GUSTAVO — Ó, pálidos coveiros.

D. DE PAUS — (À PARTE) Coveiro... uma ova!

FERREIRA — Gustavinho, apresento-lhe aqui o João Gaspar, noivo de minha filha Solidade.

GUSTAVO — Noivo? Solidade vai casar?! Tão moça ainda!

CECY — Foi o que eu lhe disse. Ainda há pouco...

FERREIRA — Ela fez 16 anos hoje.

D. DE PAUS — É. Ela comemoreia...

GUSTAVO — Come o que?

D. DE PAUS — Comemoreia hoje seu 16 niversaro.

GUSTAVO — (FORTE) Então, é um dia de festa hoje; um dia completo: o aniversário de Solidade e o pedido de casamento...

FERREIRA — E ainda há outro motivo de festa, Gustavinho.

GUSTAVO — Qual?

FERREIRA — O da sua vinda e das meninas.

GUSTAVO — Obrigado.

COQUELUCHE — Viva o João da Solidade.

E a Solidade do João
E viva a gente da cidade
Presente neste sertão.
Dixe bem ou dixei mal?

MATUTOS — Dixei bem.

D. DE PAUS — Gostei de vê.

GUSTAVO, CECY, REGINA E CONCEIÇÃO — (CANTAM)
Reine o prazer, a alegria
Entre nós neste dia feliz
Quando a Esperança irradia
Em ternuras e anseios febris.

Festeja-se o noivado
De tão galante par
Que está alvoroçado
Por seu ditoso lar

CÓRO:

Reine o prazer, a alegria
Entre nós neste dia feliz
Quando a Esperança irradia
Em ternuras e anseios febris

Um par tão estimado
Por todos com fervor,
Será abençoado
No seu intenso amor

JOÃO GASPAR E SOLIDADE:

Não pode haver neste mundo
Amor mais santo e profundo
Tão viva é a expansão
Que nos agita o coração.

A natureza, em primores
os campos de flores
Por nós, no que parece
Faz aos céus
Ardente prece

CÓRO:

Não pode haver neste mundo
Amor mais santo e profundo
Tão viva é a expansão
Que lhes agita o coração

A natureza, em primores
os campos de flores
Faz, ao que parece,
Ardente prece.

Fim do Primeiro Ato.

SEGUNDO ATO

(Ao subir o pano, Cecy ensina as outras a dançar)

Cena I

Cecy, Regina, Solidade e Conceição.

CECY — (CANTA)

Com elegância, com chiquismo
É que dança
E a atenção do almofadismo
Então se alcança

Neste passo vaporoso
Deslizaremos com primor
Tendo aos lábios
Um sorriso tentador

(REPETEM)

Quem resiste à nossa sedução
À ternura, cheia de efusão
Ao nos ver dançar, assim,
Assim gentis, enfim...

CÓRO — Quem resiste à nossa sedução?

À ternura, cheia de efusão
Ao nos ver dançar, enfim,
Gentis, assim...

CECY — Amar! Ideal poema...

Gozar! Eis o nosso lema...
É a lei suprema, então,
Que nos alenta assim o coração

CÓRO — Amar! Ideal poema

Gozar! Eis o nosso lema
Que a nossa vida, em flor,
Nos faz vibrar de amor!

Cena II

As mesmas e Gustavo.

GUSTAVO — (ENTRANDO) Bravos! . . . Já estão bem adiantadas, heim Cecy?

CECY — Estão, sim. São bastante inteligentes.

GUSTAVO — É um lindo ramalhete de flores naturais. Por que não convidaste as filhas de Ciriaco? (BAIXO) Dizem que são bem bonitas.

CECY — Convidei-as. Mas não querem aprender danças modernas.

CONCEIÇÃO — Nem a pau.

REGINA — Não consentiram nem que nós lhes cortássemos o cabelo à la garçonne.

SOLIDADE — Fazem questão fechada de permanecerem cabeludas.

CONCEIÇÃO — É cada cocosão assim. Desta idade.

REGINA — Não exagere, Ceição.

CONCEIÇÃO — Estou exagerando não. E os vestidos! Minha Nossa Senhora! Batem bem aqui pelos mocotós.

GUSTAVO — (PARA CECY) E Ceição também dá pra coisa?

CECY — Promete. Fez-nos ouvir uma canção interessante. Canta com muita graça.

GUSTAVO — Vamos lá, Ceição. Desejo também apreciar o volume de tua voz.

CONCEIÇÃO — Canto não. Minha voz não tem volume. . .

SOLIDADE — Canta, Ceição. Não te faças rogada.

CECY — Esse teu acanhamento é injustificável.

CONCEIÇÃO — Taí. . . Acanhamento foi coisa que nunca eu tive.

REGINA — Então canta, criatura.

CONCEIÇÃO — Seu Gustavinho. . .

GUSTAVO — As ordens.

CONCEIÇÃO — Num olhe pra mim não, viu?

GUSTAVO — Fechado.

CONCEIÇÃO — (CANTA)

Nesta formosa campina
Que o sol, ardente, ilumina
Eu fui sempre adorada,
A flor mais cobiçada

Mas tão esguia e brejeira
Como a nambu, sou ligeira
Se alguém me atira um laço
Então, não me embaraço

— Veloz, deslizo faceira
Como andorinha no espaço...

Eu cá não vou
No arrastão
A flor eu sou
Do sertão.

GUSTAVO — Sim, senhor. Verdadeiramente chique. Ceição, tu és uma caretora do primo caretelo.

CONCEIÇÃO — Vá mangar do boi. (SAEM RINDO)

Cena III

Gustavo e Ferreira.

FERREIRA — (ENTRANDO D. B.) Então, Gustavinho, como se tem dado na nossa terra?

GUSTAVO — Otimamente.

FERREIRA — Antes assim.

GUSTAVO — Eu ainda não lhe disse, seu Ferreira, que tenho procuração de minha mãe para vender o sítio.

FERREIRA — (AFLITO) O que? Vender o “Paraíso”?!

GUSTAVO — Foi o motivo principal que aqui me trouxe. O senhor sabe, o “Paraíso” não nos dá resultado apreciável... O que produz só dá mesmo para o custeio.

FERREIRA — Não, senhor. Absolutamente. Tiradas as despesas com o custeio, tenho feito sempre remessas de dinheiro, as quais, conforme as safras, têm variado de um conto a um conto e duzentos anuais.

GUSTAVO — Ora... E o que representa isto!? Encontrando quem medê por ele dez contos de réis, torro.

FERREIRA — É pena que eu não disponha dessa importância na ocasião... Posso apenas três contos, de economias feitas sabe Deus à custa de quantos sacrifícios. Se o restante pudesse ser a prazo...

GUSTAVO — Ah, isso é que não. Só me serve dinheiro à vista. *L'argent contant*. Nada de prazo, nada de promissórias, nada de complicações.

FERREIRA — Está bem, seu Gustavinho. A minha situação, confesso, é aflitiva. Há muitos anos sou feitor do “Paraíso”, e de uma hora para outra, ver-me assim, na rua...

GUSTAVO — São reverses da sorte, seu Ferreira.

FERREIRA — O senhor talvez, nem saiba o que sejam os reverses da sorte.

GUSTAVO — Muito pouco.

- FERREIRA** — Pois ouça: meu pai, apesar de pobre, mandou-me para os estudos. Estava eu quase a findar o curso de preparatórios, a fim de matricular-me na Faculdade de Direito, quando, infelizmente, ele morreu, ficando-me a responsabilidade da família, — minha mãe e quatro irmãos, e a braços, na ocasião, com terrível crise climática, que destróçou os parques bens que nos restavam.
- GUSTAVO** — Triste mesmo. Além da queda, coice.
- FERREIRA** — Forçado a abandonar os estudos, voltei ao sertão; e fiquei, depois, reduzido... a que? A feitor. E amanhã, talvez, nem a isto. Nada, porém, me fará desanimar. Deus é grande e não desampara ninguém.
- GUSTAVO** — Recorra, então, a ele, homem. Veja se ele lhe arranja um empréstimozinho.
- FERREIRA** — (SEVERO) Não zombo, moço. (PEQUENA PAUSA) O verdadeiro crente, nas conjecturas mais difíceis da vida, eleva a Deus o pensamento, e no íntimo fervor da sua fé, encontra sempre forças para resistir aos embates traiçoeiros do destino. (SAI E. A.)
- GUSTAVO** — Falou bonito, seu Ferreira.

Cena IV

O mesmo e Solidade.

- GUSTAVO** — (APARECE SOLIDADE) Oh! Solidade... quando poderia eu imaginar que viria encontrar no sertão, uma criaturinha tão radiante de beleza e tão adorável como tu?!
- SOLIDADE** — Isso é bondade do senhor.
- GUSTAVO** — Absolutamente. É sinceridade pura, sem mistura de lisonja. Olha a simpatia nasce muitas vezes de um nada; um gesto, um olhar, e prende-nos a alma por toda vida. Bastou-me ver-te para que este sentimento me empolgasse por completo.
- SOLIDADE** — (ACANHADA) Muito obrigada.
- GUSTAVO** — Sinto-me dominado pelo teu encanto, Solidade. E a simpatia dos primeiros dias transformou-se em paixão. (COM FOGO) Amo-te danadamente.
- SOLIDADE** — Que é isto, seu Gustavinho?! O senhor não sabe que eu sou noiva?.
- GUSTAVO** — Noiva!... Noiva de um botocudo, um bangalafumenga, um sujeitinho à toa, que não saberá nunca apreciar-te como mereces. Eu lá posso crer, que realmente gostes daquele João-Ninguém.
- SOLIDADE** — Pois gosto. Pode crer. (VAI A SAIR)

sobre o coração, e a esquerda... (NOUTRO TOM) Onde queres tu
GUSTAVO — Não digas, meu amor. Vem cá. Com a mão direita
que eu ponha a conhota?

SOLIDADE — Eu sei cá!...

GUSTAVO — (CONTINUANDO) Sobre a tua cabeça, juro que não
casarás com aquele mariola.

SOLIDADE — Não maltrate quem nunca o ofendeu, seu Gustavi-
nho.

GUSTAVO — (CANTA)

Por ti, por ti somente
Ó minha flor gentil
Eu sinto o peito, ardente,
A palpitar febril!

SOLIDADE — Por deus, por Deus acabe
Esta importunação
Pois sabe que eu já dei
Meu coração.

GUSTAVO — Ai meu feitiço!...

SOLIDADE — E então?

GUSTAVO — Deixa-te disso.

SOLIDADE — Eu?! Não.

GUSTAVO — Tu podes crer
Que minha um dia
Inda hás de ser
(REPETEM)

SOLIDADE — Não sei como se atreve
A me falar assim
Pois vou casar em breve
E ser feliz, enfim...

GUSTAVO — Quem vai acreditar
Seja esse amor real?...
Não podes tu gostar
De um ser boçal!...
(AVANÇANDO) Chega-te a mim.

SOLIDADE — (RECUANDO) Ou xente!

GUSTAVO — Minha paixão

SOLIDADE — (IRÓNICA) Pois sim...

GUSTAVO — Vem escutar-me
O palpitar
Do coração...
(REPETEM)

Cena V

Os mesmos e Dois de Paus.

D. DE PAUS — (ENTRANDO) Ih! . . . Tá safado. . .

GUSTAVO — Olá, Dois de Paus! (SOLIDADE QUER SAIR E GUSTAVO IMPEDE)

SOLIDADE — Deixe-me passar. Vou à casa do Ciriaco.

GUSTAVO — E eu vou acompanhar-te.

SOLIDADE — Não precisa. É pertinho. . .

GUSTAVO — Não senhora. Terei grande prazer nisto.

SOLIDADE — E se papai não gostar?

D. DE PAUS — Gosta o que! . . .

GUSTAVO — Quem não gosta, come menos. Vou buscar o chapéu. (SAI)

D. DE PAUS — Menina, você tome cuidado cum esse freguesim. Isso num é bem gente não. . . Iss' é um tubarão.

SOLIDADE — Não tenha sobrosso. . . O tubarão não me engole não.

D. DE PAUS — Eu sei lá! . . . Seu Ferreira diz que tubarão engole qualquer doninha, por malhó que qui seja. . .

SOLIDADE — Deixe por minha conta.

D. DE PAUS — Tá bom. . . (NOUTRO TOM) Que fim levou o J. Gaspar?

SOLIDADE — Foi à capital.

D. DE PAUS — Tratá dos aperparo pru casoro? . . .

SOLIDADE — Perfeitamente.

D. DE PAUS — Hum. . . Tá avexado.

GUSTAVO — (ENTRANDO) Vamos?

SOLIDADE — É melhor o senhor não ir. . .

D. DE PAUS — É. Eu acho.

GUSTAVO — (BAIXO) Cala-te, cavalgadura. (ALTO) Preciso agradecer ao Ciriaco a visita que me fez. Vamos. (SAEM)

D. DE PAUS — Voceis vão dereitinho. . . (SÓ) Esse seu Gustavinho é severgonho.

Cena VI

D. de Paus e Cecy.

CECY — (ENTRANDO) Ilustre Sr. Coringa.

D. DE PAUS — Cumo?

CECY — Coringa. É o mesmo que Dois de Paus.

D. DE PAUS — E é?!

CECY — Perfeitamente.

D. DE PAUS — Igi, menina. Adispois que a menina chegou, algumas moça daqui tão tomém torando as saia e amostrando as perna.

CECY — Naturalmente. O que é bom, não se deve ocultar.

D. DE PAUS — Ah, menina, se fosse assim... antonce... Vige Maria... Nem é bom maginá...

CECY — Já aprendeu a conjugar o verbo amar?

D. DE PAUS — Inhora não. Tomém a madaminha só deu ums liçãozinha.

CECY — Bem. Já tive oportunidade de perguntar-lhe se havia gostado de algumas moças, e o senhor não se dignou dar-me uma resposta cabal. Vamos lá: seja franco com a sua mestra. Gostou ou não gostou?

D. DE PAUS — Eu já tenho gostado, menina. Já tenho. Principalmente duma moreninha... (NOUTRO TOM) Eu cá nunca simpatizei foi com gente saruê. De saruê abasto eu. Mas cumo eu vinha arrelatando, principalmente duma moreninha qui quage me deixa amalucado, abestaiadinho...

CECY — E afinal?

D. DE PAUS — Afinal, ela tá pa casá cum outo.

CECY — Conte-me, então, a sua odisséia.

D. DE PAUS — Minha o que?

CECY — A sua história.

D. DE PAUS — Vou contar, madaminha. (CANTA)

Já gostei duma matuta
Das morenas era o suco
Ai caboquinha batuta
Quage qui me põe maluco.

CECY — Na verdade é tentador
Este fogo da paixão,
E a gente sente um calor...

D. DE PAUS — (FALANDO) Adonde, menina?

CECY — Bem aqui no coração.

D. DE PAUS — Me corria um formigueiro,
Da cabeça ao calcanhá
Mas fui um grande sendeiro...
(FALANDO) Sabe porque, madaminha?

CECY — Não.

D. DE PAUS — Deixei a rola voá...
Sou um bicho sem morrinha
Nunca joguei no veado
Mas tal paixão, madaminha,
Me deixou aparvaiado...

CECY — Em certos casos, convém,
Ir-se logo à abordagem,
Pois só se arranja quem tem...

- D. DE PAUS — (FALANDO) O que, menina?
 CECY — Força, equilíbrio e coragem...
 D. DE PAUS — Eu cá cheguei nesta idade
 Sem nunca ser afrontado
 Mas dessa vez, na verdade,
 (FALA) Nê brincadeira não, menina.
 Fiquei mermo avacaiado
 CECY — Pobre Dois de Paus!...
 D. DE PAUS — Eu já uvi dizê, menina, uma coisa munto certa:
 “O amô de certas moça é cumo charuto de vintém... Che-
 ga no mei, e num se apaga.”
 CECY — Mas que frio está fazendo!...
 D. DE PAUS — Frii?! Eu istou sentindo é calô.
 CECY — (ESTIRANDO AS MÃOS) Verifique como estou gelada.
 Aperta as minhas mãos para esquentá-las.
 D. DE PAUS — Espere!... É mode eu apertá?!
 CECY — É.
 D. DE PAUS — Eu aperto, menina.
 CECY — Aperte.
 D. DE PAUS — (PEGANDO-LHE NAS MÃOS) Ou mãozinhas de-
 licada e macia... Nunca trabaiarum um bolandeira...
 Nunca raparum mandioca. Chega dá vontade da gente beijá...
 CECY — Pois beija.
 D. DE PAPUS — Vamicê deixa, menina? Se vamicê deixa, eu pa-
 poco.
 CECY — (RINDO) Papoque.
 D. DE PAUS — (BEIJA) Ai!... cheirosinhas qui admira. É vê
 fulô de pau-branco. (NOUTRO TOM) Isquentou, menina?
 CECY — Ainda não.
 D. DE PAUS — (APERTANDO) Tá danisco!... (NOUTRO TOM/A
 PARTE) Este negoço tá véaco...

Cena VII

Os mesmos e Gustavo.

- GUSTAVO — (ENTRANDO E. B.) Mas o que é isto?!... (DOIS
 DE PAUS ASSUSTA-SE, LARGA AS MÃOS DE CECY, QUE
 RI) Responda.
 D. DE PAUS — Ela diz e qui tava cum frii, seu Gustavim. Pediu
 mode eu irquentá... Vai daí... fui, obedeci. É minha mes-
 tra. (CECY RI)
 GUSTAVO — Sua mestra?
 D. DE PAUS — Inhô, sim. Num vê qui ela tá m'insinando a dis-
 cunjungá o verbo amá?
 GUSTAVO — Cecy, deixa dessas brincadeiras.
 CECY — Ora que tolice...

GUSTAVO — Toma juízo, Cecy.

CECY — Quem vem falar em juízo. O maior maluco que eu conheço. (SAI ALTIVA E ENTRA EM CASA)

GUSTAVO — E o senhor, seu Dois de Paus, com as suas partes de inocente, vai se aproveitando das leviandades de minha irmã, não é? Vai fazendo a defesa...

D. DE PAUS — Eu?... Inhor não... Deus me livre dos mau pensamento...

GUSTAVO — O senhor não passa de um sedutor, de um patifório, de um...

D. DE PAUS — (INTERROMPENDO) Isbarre aí, seu Gustavim. Num bote su'alma no inferno... (NOUTRO TOM) Foi ela...

GUSTAVO — Foi ela, não?

D. DE PAUS — Foi, inhô sim. Ói... (JURA) Eu acho qu'ela tá busando da minha inocença, tá me desencabeçando.

GUSTAVO — Inocência!... Pra isso você não é bobo.

D. DE PAUS — Sou, seu Gustavim. Bobim. Ói. (JURA)

GUSTAVO — Quem mais jura, mais mente.

D. DE PAUS — Apois pode aquerditá. Bobo qui nem um garrotim de dois ano.

GUSTAVO — Você de Dois de Paus, só tem o nome. (APARECE CONDE) Olá, sr. Felipe Silveira!...

Cena VIII

Os mesmos, Conde e depois Coqueluche.

CONDE — (E./APERTANDO-LHE A MÃO) Como vamos, heim? (PARA DOIS DE PAUS) Sr. Dois de Paus...

GUSTAVO — Que tal tem achado a terra?

CONDE — Tenho apreciado imenso a amenidade do clima e a vida tranquila que aqui se desfruta.

GUSTAVO — Eu também tenho passado admiravelmente.

CONDE — Estou convencido: só a vida do campo fortalece o corpo e tonifica o espírito. É admirável esta vida patriarcal, e mais ainda a pureza de costumes que aqui se observa.

GUSTAVO — Ah, quanto a isto, hoje em dia só se vê mesmo no sertão. As cidades quanto mais importantes, tanto mais contaminadas pelo virus da corrupção.

CONDE — E o senhor Dois de Paus, o que nos diz a respeito? (PAUSA) Está embezerrado?

D. DE PAUS — Eu num sou vaca mode tê bezerro. (CONDE RI)

GUSTAVO — É. Ele não é vaca. É, sim, um Lovelace de força.

CONDE — O que?!

GUSTAVO — Um perigoso Dom Juan de aldeia.

CONDE — Mas tenha paciência, isto aqui... é de fazer pecar um frade de pedra.

(ENTRA COQUELUCHE)

GUSTAVO — Coqueluche, preciso falar-te.

CONDE — (CONTINUANDO) Quantas meninas, verdadeiramente lindas, vegetam neste rincão!... Já teve ocasião de ver as filhas do Ciriaco?

GUSTAVO — Apenas a mais moça.

CONDE — Pois a mais velha é que é.

COQUELUCHE — É a Puquéra.

CONDE — Uma mocetona de truz, adoravelmente morena, de olhos fulgurantes, e um buçozinho negro a ensombrar-lhe os lábios escarlates. Uma graça tão natural, e uma tal suavidade de meneios, que prendem os olhos menos curiosos.

GUSTAVO — É assim mesmo, Coqueluche?

COQUELUCHE — É. Bonitona. Um quartazão de pobre...

CONDE — (RINDO) A comparação é de escacha-pecegueiro.

COQUELUCHE — Seu Gustavim, já viu falá que tá aparecendo agora aqui um lobisome?

GUSTAVO — Um lobisomem? Bala nele.

CONDE — E há quem acredite ainda nisto?

D. DE PAUS — Ora si hai. Todos nós aqui aquerdita.

COQUELUCHE — Ainda hoje amanhecerum quatro cachorro morto. Só tinha mermo a ossada.

D. DE PAUS — O rasto do maldito foi visto nesta dereção. (APON-TA)

CONDE — Pois, se foi visto o rasto do tal lobisomem, voces esperem, que, não demora muito a vir a lume, algum lobisomenzinho... (RI)

GUSTAVO — Qu'e de o Jurubeba, Coqueluche?

COQUELUCHE — Tá doente. Deu-lhe uma morrinha, acompanhada duma tremedeira e duma dô de cabeça do num sei que diga.

D. DE PAUS — É a segunda vez qui dá isso nele, adispois qui a muié... topou.

COQUELUCHE — Vamicê num sabe qui mulesta é essa não, seu Gustavim?

GUSTAVO — Eu não sou veterinário, mas, se não é mal triste, deve ser... febre aftosa.

CONDE — (RI) Naturalmente.

GUSTAVO — Coqueluche, você sabe de alguém que queira comprar o sítio?

COQUELUCHE — O que, seu Gustavim, vai vender o "Paraíso"?

GUSTAVO — Vou.

D. DE PAUS — Ah s'eu tivesse dinheiro...

CONDE — O "Paraíso" pretence-lhe?

GUSTAVO — Metade a mim e metade a minha irmã, e a outra parte a minha mãe. Além desta, possuímos várias propriedades na capital.

CONDE — (À PARTE) É rico, então...

GUSTAVO — Coqueluche, e você também. Dois de Paus, vamos dar uma volta e anunciar aos moradores da redondeza que o "Paraíso" está à venda.

COQUELUCHE — Vamo lá, seu Gustavim, mas deixe que le diga: dinheiro aqui agora anda rasteiro.

GUSTAVO — (PARA CONDE) Até mais. (SAEM D.)

Cena IX

Conde, Cecy, Ferreira e depois Conceição.

CONDE — Passar bem. (SÓ) Esse camaradinha, então, é rico... E a irmã? Será bonita? É bem capaz de ser desajeitada e feia como uma noite de inverno. (APARECE CECY À PORTA) Ah! Naturalmente é aquela. (DEPOIS DE A OLHAR) Bem chic. (ALTO) Senhorita...

CECY — (A PARTE) Esse não tem aparência de matuto...

CONDE — (CONTINUANDO) Permita-me que, respeitoso a cumprimente.

CECY — O senhor é aqui da terra?

CONDE — Não, senhorita. Sou como V. Excelência de paragens mais civilizadas.

CECY — Como sabe, então, que não sou sertaneja?

CONDE — Não necessito ser um Argus para verificar que tanta elegância e distinção não são próprias de gente da roça.

CECY — Realmente, estou aqui a passeio.

CONDE — Como eu. Mas é demais encantador encontrar-se, nestes ermos, uma jovem educada e de maneiras tão aprimoradas e atraentes como a senhorita. (FERREIRA APARECE (E. A.) APROXIMANDO-SE SEM QUE O NOTEM)

CECY — Confunde-me, cavalheiro.

CONDE — As sertanejas, pelo menos as que eu tenho visto, são bem bonitas, não há dúvida. Mas falta-lhes um quê, um certo tom, uma graciosidade que só a convivência nos altos meios sociais faculta.

FERREIRA — Está enganado, senhor. (ASSUSTAM-SE) Há um erro de observação na sua afirmativa. Que me perdoe aqui D. Cecy, mas as nossas sertanejas para serem graciosas, não necessitam de freqüentar os altos meios sociais, onde tudo, muitas vezes, é puramente artificial. Desde a beleza... fictícia, pois é simples pintura, aos sentimentos, em regra geral, fingidos ou insinceros.

CONDE — (À PARTE) Que matuto letrado!...

(CONCEIÇÃO ENTRA E VEM ESCUTAR, APARECENDO SEMPRE COM A CABEÇA, E SORRINDO)

FERREIRA — Aqui, ao contrário, não há fingimentos, nem arrebiques; em tudo, a naturalidade: na formosura, como nos sentimentos, na candura, como na altivez de nossas sertanejas, que, por isso mesmo, possuem um quê, um certo tom, uma graciosidade natural sem afetação, o que raramente se observa nas melindrosas que frequentam os altos meios sociais.

CONDE — Mas há exceções, senhor.

FERREIRA — Naturalmente. Não há regra sem exceção. Mas fique o senhor certo que as nossas matutas, sob todos os pontos de vista, são realmente encantadoras.

CONCEIÇÃO — (ANIMADA) Isto, meu tio. Eu não vejo em que as moças da cidade nos possam levar vantagem. (CANTA)

A sertaneja é mimosa
Serena, firme, sincera.
Tem o perfume da rosa
Ao frescor da primavera...

A sua face corada
É tal e qual na beleza
O roscicler da alvorada
Num primor de singeleza Bis

Seu sorriso é fina essência
Da candura, da inocência
Tem na doçura do olhar
A branda luz do luar

É leal, afetuosa
Tão simples, tão graciosa!...
Simbolizando a pureza
Como cuida à sertaneja

CONDE — A senhorita descreveu a sertaneja com muita perfeição Meus cumprimentos. E agora, dêem-me licença. Vou pregar noutra freguesia. (SAI)

Cena X

Ceição, Cecy, Ferreira e depois Zé-Esfola

FERREIRA — Então, dona Cecy, vai ser vendido o “Paraíso”...

CONCEIÇÃO — O “Paraíso” vai ser vendido?

CECY — É verdade, o Gustavo convenceu a mamãe que devia desfazer-se do sítio...

FERREIRA — E eu... já tão acostumado aqui. No fim da vida... transportar-me, agora, para onde?... Só Deus o sabe. Felizmente a família é pequena.

CECY — Só tem uma filha...

FERREIRA — N'água e no sal.

CONCEIÇÃO — Ei! E comigo não conta?

FERREIRA — E esta sobrinha, que é como se fosse também minha filha. Enviuei há 15 anos.

CECY — E não procurou convolar a outras núpcias?

CONCEIÇÃO — Hum!... Convolar...

FERREIRA — Nem me lembrei de tal.

CECY — Mas ainda está em tempo...

CONCEIÇÃO — Está o que!...

FERREIRA — Eu não presto mais pra nada não, menina. Quem quereria casar com um velho reumático e escangalhado como eu!?

CECY — Não faltaria quem quisesse...

FERREIRA — É. Eu sei que há muita moça doida neste mundo, capaz de tudo.

CONCEIÇÃO — E mais alguma coisa...

FERREIRA — Eu, porém, é que não desejo fazer *pendant* com o Jurubeba. (SAI COM CONCEIÇÃO.)

(ENTRA ZÉ-ESFOLA A ESPREITAR)

CECY — A quem procura?

ZÉ-ESFOLA — O seu conde. (BATENDO NA BOCA) Ou diabo...

CECY — Quem? O senhor conde?

ZÉ-ESFOLA — Não senhora.

CECY — Mas o senhor disse.

ZÉ-ESFOLA — Eu?! Não senhora... Eu lá falei nisso...

CECY — Falou. Disse que procurava o sr. conde. Quem é esse conde? (GESTO DE ZÉ QUE NÃO SABE) Não quer responder? Pois bem: vou revolucionar tudo, vou investigar por toda parte, vou indagar de toda gente até saber quem é aqui (BEM ALTO) o sr. Conde.

ZÉ-ESFOLA — (AJOELHANDO-SE DE MÃOS POSTAS) Pelo amor de Deus, menina, num me desgrace.

CECY — Como assim?

ZÉ-ESFOLA — Ele disse que s'eu batesse cum a língua nos dentes... (SOLUÇANDO) — me estrangulava.

CECY — É terrível assim?

ZÉ-ESFOLA — Quando se zanga, é uma fera...

CECY — Toda fera é possível de domesticar-se. Endireite-se! O senhor, pelo que vejo, é pessoa de confiança do sr. Conde.

ZÉ-ESFOLA — Fale mais baixo, menina.

CECY — Mas ninguém nos está ouvindo. (NOUTRO TOM) Ele está aqui... incógnito, não é? Não quer que se saiba que é conde...

ZÉ-ESFOLA — Quer o que?!

CECY — É moço ainda esse conde?

ZÉ-ESFOLA — Eu acho que anda beirando os 35... ou os 49...

CECY — (A PARTE) Um conde por estas alturas... é fruta rara... (ALTO) Diga-me: é solteiro e desempedido?

ZÉ-ESFOLA — Solteiro, menina. Solteirinho. Desimpedido... eu já num digo tanto... Sim... porque... quem tem uma espingarda, num é? (A PARTE) Está se engraçando de mim...

CECY — Mas então... o sr. Conde... não é desempedido?...

ZÉ-ESFOLA — Não, menina... É cá o dégas. O senhor Conde é solteiro e desempedido. E eu também, se for do agrado da menina... posso munto bem. (VEXADO) Ai, lá vem gente. Num fale, menina. (SAI ÀS PRESSAS)

(GUSTAVO ENTRA)

Cena X

Cecy, Gustavo e depois Solidade.

CECY — Gustavo, quem é aquele sujeito capenga que acaba de sair daqui?

GUSTAVO — (D.) Deve ser criado ou cousa que o valha de um senhor que mora vizinho ao Ciriaco.

CECY — E quem é o tal senhor?

GUSTAVO — Sei lá! Surgiu aqui sem se saber de onde e disse chamar-se Felipe Silveira. Mas tenho razões especiais para supor que ele oculta o verdadeiro nome.

CECY — (ALEGRE) Pronto... Eis a chave do enigma... Está descoberto o incógnito!

GUSTAVO — Sabes quem é o homem?

CECY — Sei.

GUSTAVO — Pois dize.

CECY — Não. É cedo. A seu tempo... saberás.

GUSTAVO — Mas...

CECY — Não insistas. É de balde.

GUSTAVO — Cecy... saber manejar bem a Kodac?

CECY — Sei. Por que?

GUSTAVO — Eu desejava possuir uma fotografiazinha, em que figurássemos eu... e Solidade, bem juntinhos.

CECY — (COMICAMENTE SÉRIA) Gustavo, deixa dessas brincadeiras...

GUSTAVO — Ora, que tolíce.

CECY — Toma juízo, Gustavo.

GUSTAVO — Quem vem falar em juízo... A maior maluquinha que eu conheço... (OLHANDO A E.) Lá vem Solidade... Vai buscar a máquina. Quando eu piscar um olho — zás! — um instantâneo... sem que ela chegue a perceber a manobra.

CECY — (RINDO) Mas assim... tu sais... piscando.

GUSTAVO — Não faz mal. Vai. (CECY SAI E APARECE SOLIDADE) Solidade!... Meu torrãozinho de açúcar...

SOLIDADE — (E.) Desde que o senhor aqui chegou, que vive atrás de mim, como linha atrás da agulha...

GUSTAVO — É para alinhar esta paixão antropofágica, que me devora o peito.

SOLIDADE — Faz-se preciso pôr um ponto final na brincadeira.

GUSTAVO — Mas que te fiz eu, ingrata?

SOLIDADE — Por enquanto nada. Mas me atucana... Ih!...

(CECY APARECE E GUSTAVO LHE FAZ SINAIS, DISFARÇADAMENTE)

GUSTAVO — Pois falemos noutro assunto. Cecy já te ensinou algumas danças modernas; mas, certamente, esqueceu-se da última novidade: o passo do jocotó.

SOLIDADE — E é bonito?

GUSTAVO — Muito interessante. Olhe: a posição é esta. Pega-se nas mãozinhas por trás, assim... coloca-se depois o queixo sobre o ombro, desta forma. (EXECUTA, VIRANDO-SE DE MANEIRA A SEREM FOCALIZADOS. CECY BATE A CHAPA) Pronto. É só isto.

CECY — Muito chique!

SOLIDADE — (VEXADA) Deus dos céus!... Você bateu a chapa, Cecy? Nessa posição...!

GUSTAVO — Não. Foi uma simples brincadeira; combinamos, para ver-te assustada. (PARA CECY) Guarda a Kodac com cuidado. (VÃO AS DUAS A SAIR)

SOLIDADE — (DA PORTA) Há uma festinha hoje em casa do Ciriaco. Estamos todos convidados. (SAEM)

GUSTAVO — Bravos! (SÓ) Vai ficar uma fotografia... osso. Posição original! Hei de estampá-la numa revista. (APARECE J. GASPAS) Oh, João Gaspar já de volta?

Cena XII

Gustavo, João Gaspar e depois Conde.

GASPAR — (D. B.) Venho chegando agora mesmo.

GUSTAVO — Como vai aquilo por lá?

GASPAR — Tudo no mesmo consequente, Novidades nenhuma.

(APARECE CONDE)

GUSTAVO — Sr. Felipe, eis aqui o felizardo que vai desposar a filha do velho Ferreira.

CONDE — Oh! Dou-lhe os meus parabéns. Fez uma escolha soberba.

GASPAR — (RISONHO) Muito obrigado.

CONDE — Não por isso. Sua noiva é deliciosa, arrebatadora...

GUSTAVO — Um purésinho de petits-pois.

CONDE — (PARA GUSTAVO) Repare como ele está radiante, a porejar contentemente.

GASPAR — É natural. Quando se ama sincera e verdadeiramente, a vida se nos afigura um paraíso. (CANTA)

Quanta alegria a vida encerra
Quando se ama com ternura
E para nós, então, a terra
É um paraíso de ventura...

Este prazer, que nos encanta,
Em tudo ri, palpita e canta,
E, em sensação de arrebat
O coração nos faz vibrar.

Que sensações
Tão febris
N'alma da gente
Que se sente
Assim feliz
E que na mente
O deus do Amor
Então bendiz

— No seu condor
Na singeleza
A sertaneja
É um primor...
Flor de beleza
É só pureza
O seu amor...

Quanta alegria a vida encerra
Quando se ama com ternura
E para nós, então, a terra
É um paraíso de ventura.

Este prazer que nos encanta
Em tudo ri, palpita e canta
E em sensações de arrebat
O coração nos faz vibrar.

CONDE — O senhor canta bem. Voz forte, segura.
GASPAR — Com licença. Preciso falar com Solidade. (ENTRA EM CASA)
GUSTAVO — (VENDO-O SAIR) Vejam esse homenzinho como está entusiasmado!... Deixa-te estar, batoré! (NOUTRO TOM, PARA CONDE) E o interessante é que eu também gosto da pequena.
CONDE — Gosta?

Cena XIII

Os mesmos, Coqueluche e Dois de Paus (que conduz uma harmônica) (ENTRAM D.)

GUSTAVO — Se eu gosto?! (CANTANDO) “Gosto, que me enrosco...”
COQUEL — (ENTRANDO) “... de ouvir dizer...”
D. DE PAUS — (ENTRANDO) “que a parte mais fraca é a muié...”
(RIEM) (2)
GUSTAVO — Que diabo é isto, Dois de Paus?
D. DE PAUS — Vou na casa do Ciríaco.
COQUEL. — Pica-fumo. Hai uma fest’hoje lá.
D. DE PAUS — E ele mandou chamá eu, mode tocá haimônica.
CONDE — E você toca isso que preste?
D. DE PAUS — Eu? Ora, ora, ora... Né pá me gavá não, mais eu sou o mió tocadô desta rebêra.
COQUELUCHE — Ele já tomou inté uma caiga de pau pur causo da haimônica.
GUSTAVO — Como assim?
COQUELUCHE — Andava querendo namorá uma mocinha que eu cá sei...
CONDE — Que você caçou, Coqueluche?
COQUELUCHE — Qui eu cá cunheço, home. E antonce...
D. DE PAUS — (DEPOIS DE OLHAR) Cal’ essa boca, Coqueluche.
COQUELUCHE — Num atrapai a histora... Toda noite, ali pulas 10 hora, ele dava de mão a haimônica e se punha na porta da moça:

“Num vá se zangá
Num vá se aborrecê
Esquentá este namoro
Que eu me caso cum você. (IMITA A HARMÔNICA)

(2) “Cassino Maxixe”, de Heitor dos Prazeres e José Barbosa da Silva (Sinhô), lançada em 1927 por Francisco Alves. No ano seguinte, gravada por Mário Reis, recebe o nome de “Gosto que me enrosco”.

CONDE — (RINDO) Esse Dois de Paus é safado...

COQUELUCHE — Uma noite o pai da moça, o seu...

D. DE PAUS — (DEPOIS DE OLHAR PARA CASA) Cal' essa boca, Coqueluche...

COQUELUCHE — O pai da moça apareceu de repente c'um porrete de jucá, e lhapo-te! Lhapo-te!... foi pancada de criá bicho. (RIEM). No outo dia ele num podia nem mexer os quarto. (RIEM) O véi num chegou a cunhecê a musgueira, c'a noite tava iscura cumo breu.

D. DE PAUS — Vam bora, Coqueluche. Deixa de cunvéiça besta. (VÃO A SAIR)

GUSTAVO — Venha cá. O que é isto?! Você vai se retirando, sem tocar qualquer coisa.

CONDE — Ao menos aquela:

“Num vá se zangá

Num vá se aborrecê...”

D. DE PAUS — Num toco isso não.

COQUELUCHE — Ele tá cismado... Apois toca outa coisa quarqué, D. de Paus, deixa de golizia.

(D. DE PAUS TOCA) (3)

FIM DO SEGUNDO ATO

(3) O autor, ao contrário do que vinha se processando até então, omite a letra desta música, mas sugere o gênero samba.

TERCEIRO ATO

Cena I

Conde e Zé-Esfola

CONDE — Olha lá, idiota, executa com precisão o que te recomendei. Arranja um buquê aprimorado, heim?! E oferece-o, em meu nome — (NOUTRO TOM) — não vás esquecer que o meu nome, pelo menos até segunda ordem, é Felipe Silveira — oferece-o à senhorita...

ZÉ — (INTERROMPENDO-O) Oferecê o nome de V. Senhoraia?

CONDE — O buquê, animal.

ZÉ — (CONSIGO) Ah! O bouquet animal (FAZ O TAMANHO)

CONDE — Oferece-o, em meu nome, à senhorita Maracajá...

ZÉ — (CONSIGO) Maracajá!... Num azunhará não?!

CONDE — (CONTINUANDO) Irmã do Sr. Gustavo de Maracajá. Isto, com todos os salamaleques que te ensinei. Dirás à senhorita Cecy que eu almejo ser o seu Pery e que estou completamente embeijado por ela.

ZÉ — (CONSIGO) Beijado por ela.

CONDE — (MUDANDO DE ENTONAÇÃO) Sim. Quero conquistá-la, ou melhor, quero chamar aos peitos alguns contecos, casando-me com ela.

ZÉ — V. Senhoraia pensa nisso?

CONDE — E por que não?

ZÉ — V. Senhoraia disse qui só adméte o amô... a prestação...

CONDE — E o que é o casamento, meu quadrúpede, senão o amor a prestação!... O que se dá é isto: quando o amor é sincero, é verdadeiro, e o camarada não transpõe as raias da fidelidade conjugal, a prestação é uma única, corresponde à vida inteira. (NOUTRO TOM) Que me respondes a isto, cavalgada-dura?

ZÉ — Eu acho qui V. Senhoraia metendo uma mulhé na nossa vida... intorna o caldo.

CONDE — (FORTE) Zé-Esfola!

ZÉ — (PERFILADO) Pronto, Sr. Conde.

CONDE — O que eu resolvo, não se discute. (NOUTRO TOM) Sabes o que tens a fazer.

ZÉ — Sei, sim.

CONDE — Direita! Volver! Marcha, bruto. (ZÉ ESFOLA SAI MAR-
CHANDO) (RINDO) Pobre diabo! É-me afeiçoado como um
terra-nova.

Cena II

Conde, Ladislau e depois Dois de Paus.

LADISLAU — (ENTRANDO E.) Bom-dia, cavalheiro.

CONDE — Bom dia.

LADISLAU — (DEPOIS DE FITA-LO) Parece-me que já o vi em
alguma parte.

CONDE — (CONFUSO) Não é possível.

LADISLAU — Sou capaz de jurar. Não me recordo é onde foi...
(NOUTRO TOM) O senhor é daqui?

CONDE — Nascido e criado neste sovaco de serra.

LADISLAU — Mas... tem viajado.

CONDE — A cavalo. Aqui perto mesmo. E o senhor?

LADISLAU — Ando a agenciar sócios para a “Caixa do Povo”.
(APARECE DOIS DE PAUS D.)

CONDE — Dois de Paus, quer fazer uma inscrição na “Caixa do
Povo”?

D. DE PAUS — Inscrição! Cumo é isso?

LADISLAU — Com dois mil réis pode o senhor tirar dez contos.

D. DE PAUS — É negociação!...

LADISLAU — É. Corre pela Loteria Federal nos dias 26 de cada
mês. Posso encher a caderneta?

D. DE PAUS — Pode, home.

LADISLAU — (PARA CONDE) E o senhor?

CONDE — Até hoje, de minha família, só meu pai entrou num
desses clubes.

LADISLAU — E foi premiada a sua caderneta?

CONDE — Vou contar-lhe o caso. O velho, desde que fez a inscri-
ção, vivia a fazer mil projetos e a calcular as despesas que
faria no caso de ser premiada a sua caderneta.

D. DE PAUS — E foi?

CONDE — Espere. Num dia de sorteio ele disse a minha mãe “Vou
à cidade. Se vocês me avistarem de automóvel é porque fui
sorteado. Podem quebrar a louça, queimar os móveis e rasgar
a roupa velha. Comprarei tudo novo”. E tacou-se a pé, rumo
da cidade. Eu fiquei de tocaia, trepado naquela ingazeira.
Nesse tempo nós morávamos naquela casinha à beira da
estrada, debaixo da ingazeira.

D. DE PAUS — Ali?! E cumo eu nunca sube disso!

CONDE — (BAIXO) Não se incomode.

D. DE PAUS — Mais...

CONDE — (ATALHANDO-O) À tardinha — ou alegrão! — avistei lá na curva do caminho que vinha de automóvel! Saltei da árvore, entrei em casa, juntei a mobília e os cacaréis todos e larguei fogo.

D. DE PAUS — Coivara de luxo!

CONDE — Peguei depois um cacete e comecei a quebrar a louça, enquanto minha mãe e minha irmã espatifavam todas as roupas velhas.

D. DE PAUS — Podium o meno tê dado pôs pobre.

CONDE — Nisto o auto risca à porta. Fui abrir. Meu pai entrou... desfalecido nos braços do chofer.

D. DE PAUS — Teve uma síncope de alegria!...

CONDE — Qual síncope! O velho voltara de auto porque havia fraturado a perna.

LADISLAU — E a caderneta foi premiada?

CONDE — Premiada um diabo! Quando o velho viu o estropiço que nós fizéramos: os móveis queimados, a louça quebrada, as roupas em frangalhos, desatou a chorar como uma criança.

Foi um dia de juízo. Chorava a mãe, chorava toda a geração.

LADISLAU — (PARA CONDE) E o senhor não quer tentar?

CONDE — Deixe para depois.

D. DE PAUS — O sinhô pode inté fazê aqui uma fêrinha boa. O povo tá munto perciso de dinheiro.

LADISLAU — Quer auxiliar-me nesse trabalho?

D. DE PAUS — Vamo lá. Inté logo, seu Felipe.

LADISLAU — Adeus, senhor.

CONDE — Passar bem.

LADISLAU — (SAINDO) Eu já vi esta figura fosse onde fosse.

Cena III

Conde, Zé-Esfola, Regina, depois Ceição.

CONDE — (SÓ) Aquele desgraçado quase me ia reconhecendo. (PENSATIVO) É o diabo!... Talvez fosse conveniente zarpar para mais longe. Mas... E a Maracajazinha!... Abandonar a partida!... Não. preferível arriscar. (NOUTRO TOM) E se me físgam... E se me... (GESTO DE DEGOLAR)

ZÉ-ESFOLA — (COM UM BUQUÊ / GRITANDO) Pronto!

CONDE — (ASSUSTADO) Ai!... (RECONHECENDO-O) Ou grandíssimo burro, tens a audácia de berrar-me assim ao pé do ouvido?! (FEROZ) Eu devia... (OUVEM-SE PASSOS) Psiu!... (BAIXO) Vê como te portas, sendeiro. (SAI)

ZÉ-ESFOLA — Sendeiro é ele. (APARECE REGINA) (CUMPRIMENTANDO-A COM EXAGERO) Excelentíssima...

REGINA — Ué!... Que tipo exótico!... (CUMPRIMENTA, PROCURANDO IMITÁ-LO) O senhor é dançarino?

ZÉ-ESFOLA — Para servi-la, eu serei tudo, Excelentíssima. (FAZ UMA PIRUETA)

REGINA — Ai! . . . É ca-xin-gó! . . . (APROXIMANDO-SE) Que buquê enorme.

ZÉ-ESFOLA — É. Um buquê-animal.

REGINA — O senhor é muito amável, maravilhosamente gentil. Estas flores são para mim, não são, meu cãozinho? (TIRA-LHE O BUQUÊ)

ZÉ-ESFOLA — (CONSIGO) Ai! . . . Ela me chamou de cãozinho. (APARECE CEIÇÃO)

REGINA — (CONTINUANDO) Meu cãozinho. . . coxó! (VENDO CEIÇÃO) Olha, Ceição, o que me ofereceu este farsante.

CONCEIÇÃO — Lindas flores! . . .

ZÉ-ESFOLA — (COMPRIMENTANDO) Excelentíssima. . .

CONCEIÇÃO — Tadinho. É caroara. . . É derrengado. . .

REGINA — É o mal do dengue.

CONCEIÇÃO — Regina, vamos tecer uma grinalda para adornar a cabeça do totó.

ZÉ-ESFOLA — A minha? Não, menina. Deus me livre. Nem pur caçoada. Aguento tudo, menos isso. A gente num deve nunca dêxá qui lhe enfeitem a cabeça. Mulhé, ainda vá, mas homem de cabeça enfeitada. . . é buraco!

CONCEIÇÃO — E o que tem isso, meu bichano. . .

ZÉ-ESFOLA — Pronto! . . . Fui promovido a gato.

CONCEIÇÃO — Então, não quer a grinalda?! (TIRA-LHE O CHAPÉU) Ai! Ele é careca! Olha, Regina.

REGINA — Uh! . . .

CONCEIÇÃO — Como é o seu nome?

ZÉ-ESFOLA — É Zé.

REGINA — Tão graçadinho. . . Seu Zé! . . . Segure aí. (ENTREGA-LHE O BUQUÊ E DÁ-LHE UNS CAFUNÉS)

ZÉ — Ói esses agrado, menina. Eu sou munto sensível. . . (FECHANDO OS OLHOS) e cosquento. . . (REGINA RETIRA A MÃO) Me dê mais uns cafuné, sim, menina. Já tava quage drumindo. . .

CONCEIÇÃO — (ENTREGANDO-LHE O CHAPÉU) Então. . . gosta de cafuné, seu Zé. . . ?

ZÉ — Olaré!

CONCEIÇÃO — (CANTA)
Seu Zé!

REGINA — Seu Zé!

AMBAS — Não sei porque razão
É que cresce a calva, seu Zé
Com o afago felino da pressão

De um cafuné
(REPETEM)

Tua careca tão redonda e luzidia
É como um queijo do reino ensebado
Tenho ganas de dar uma dentada,
Seu Zé!
Nesse teu liso quengo pelado.

(AO FINDAR O CANTO, ENTRA CECY/REGINA RETOMA O BOUQUET)

Cena IV

Os mesmos, Cecy e depois Gustavo.

CECY — O que é isso, meninas?

REGINA — Estamos nos divertindo com este orangotango. Vem ver, Cecy.

ZÉ — (ENCOLHENDO-SE) Jesus!... É a dona do buquê...

CECY — (DESCENDO) Eu conheço este marau.

CONCEIÇÃO — É caburé ou bacurau?

REGINA — Ofereceu-me estas flores.

CECY — Estas flores, certamente, eram as destinadas a mim... Não eram?

ZÉ — Eram, sim senhora.

CECY — Foi o... (GESTO AFLITO DE ZÉ) ... o teu patrão que mandou.

ZÉ — Sim senhora.

CECY — Mandou algum recado?

ZÉ — Ele disse qui eu dissesse que ele mandava dizê qui queria sê o Pery da menina Cecy e qui tava completamente... beçudo pela menina.

CONCEIÇÃO — Beçudo?

ZÉ — Beçudo ou... beçado. É uma coisa assim.

REGINA — (RINDO) Ah, embeçado. Quem é o cujo, Cecy?

CONCEIÇÃO — Quem é?

CECY — Calma. (PARA ZÉ) Pode retirar-se.

ZÉ — (CUMPRIMENTANDO UMA POR UMA) Excelentíssima... Excelentíssima... (VAI A SAIR)

CECY — Olha. (ZÉ VOLTA-SE) Diz a teu amo que agradeço as flores e que simpatizo, também, muito com ele. (ZÉ SAI) (PASSEIA COM APRUMO)

CONCEIÇÃO — Que presepada é esta, Cecy?

CECY — Psiu!... (BAIXO) Estou treinando. Treinando para condessa.

REGINA — Estás girando?

CECY — Contar-lhes-ei tudo, se promete guardar absoluta discrição.

AS DUAS — Prometemos. (VÃO A SAIR)

GUSTAVO — (ENTRANDO D. B.) Olá rapaziada do calção redondo! . . .

CECY — (VOLTANDO) Gustavo, tu achas possível encontrar-se algum conde no sertão?

GUSTAVO — E porque não!? Um eu conheço. Apareceu no interior e casou com uma sertaneja. Porque perguntas isto?

CECY — Por nada. (ENTRA EM CASA)

Cena V

Gustavo só, tirando uma fotografia do bolso.

GUSTAVO — Está uma preciosidade esta fotografia. Solidade, então, só falta falar. Mas é realmente tentadora esta diaba. Os seus olhinhos de catita . . . (BEIJA) . . . sua boquinha apetitosa . . . (BEIJA) Eu quisera era beijá-la em carne e osso, mas essa gente do sertão é arisca . . . (OLHA A FOTOGRAFIA) Mas é possível, que eu me limite a ver com os olhos e comer com a testa? Não. Vou aderir à tribo de antropofagia. (APARECE SOLIDADE) Solidade, ainda não havia gozado hoje o prazer inefável de tua companhia.

Cena VI

Gustavo, Solidade e depois Ceição.

SOLIDADE — Deixe-me em paz, por favor.

GUSTAVO — Deixar-te em paz?! Poderei, acaso, deixar de adorar-te? Quem pode ver-te, sem morrer de amores?! (SOLIDADE QUER SAIR, GUSTAVO DETÉM)

GUSTAVO — (CANTA)

Atrai
Amor
A luz
Dos olhos teus
Por Deus
Seduz
Seu fulgor

Por ti
Senti
Logo ao te ver
Minha flor
Um prazer
Que não sei dizer

Mas crê
Eu sou assim
neste jardim
Um beija-flor
Sempre a doudejar
Sem nunca achar
O seu amor

Mas os teus lábios em flor
São saturados de olor

E em ti
Eu divisei
Meu bogari
Que saberei
Oscular sem fim
Tal a paixão
Que sinto em mim
Quer tu me queiras, quer não

Morrerei assim.

(ANTES DE FINDAR O CANTO ENTRA CEIÇÃO)

SOLIDADE — Acabe, por obséquio, com esses galanteios tão fora de propósito.

CONCEIÇÃO — Esse chamego de seu Gustavinho já está chamando a atenção do povo e dando que falar às más línguas.

GUSTAVO — Quem foi que te chamou aqui, Miguel do meio!? Vai lá pra dentro.

CONCEIÇÃO — Num vou não.

GUSTAVO — (PARA SOLIDADE) Em que, porventura, eu te ofendi para que me trates tão rudemente, Solidade? Que culpa tenho eu de que sejas tão bonita? Que culpa tenho eu de que a sua formosura me transforme o miolo?

CONCEIÇÃO — Miolo de pitu.

GUSTAVO — Vai-te embora, peitica.

CONCEIÇÃO — Peitica é você com essa chateação.

SOLIDADE — Seu Gustavinho, o senhor parece esquecer-se de que sou noiva.

GUSTAVO — Mas eu já não te disse que não casas com o João Gaspar, criatura!

CONCEIÇÃO — Ora essa...

GUSTAVO — Juro pela felicidade de meus filhos.

CONCEIÇÃO — Ah! Então você tem filhos, heim, seu mogão?!

GUSTAVO — De meus filhos por virem. (NOUTRO TOM) O João Gaspar poderá casar, aí com qualquer matutinha rababu. Para quem é... bacalhau, basta. Olha, Solidade, ver-te, ao lado de João Gaspar, conversando sempre tão amavelmente, faz-me crescer água na boca.

CONCEICÃO — Roa as unhas.

GUSTAVO — Ou menina pau. (CONTINUANDO) Quando te vejo, juntinho ao João Gaspar, fico roendo...

CONCEICÃO — Beba água.

GUSTAVO — (PARA CEIÇÃO) Vá pro inferno.

CONCEICÃO — Vá você.

GUSTAVO — (PARA SOLIDADE) Fico ferozmente enciumado. Há ocasiões, então, em que o ciúme é tamanho que me sinto capaz até de um crime.

CONCEICÃO — Você num tem figo...

SOLIDADE — Tome cuidado, seu Gustavinho. Quem tem ciúmes... fica cego.

GUSTAVO — E quem é cego não enxerga... Tenha pena do cequinho...

CONCEICÃO — Perdoe, irmão. Bata noutra porta.

GUSTAVO — Vá roer...

CONCEICÃO — Vá você.

SOLIDADE — Se o senhor soubesse como eu o aborreço...

GUSTAVO — Se tu soubesses como eu te ido'atro. (SOLIDADE FITA-O ALTIVA E SAI/CEIÇÃO A ACOMPANHA. VOLTANDO-SE FAZ TROÇA DE GUSTAVO. ESTE, APÓS, RESOLVE SEGUI-LAS E ENTRA EM CASA)

Cena VII

J. Gaspar, Coqueluche e Dois de Paus. (D.)

COQUELUCHE — João Gaspar, você já arreparou? O Gustavim veve céicando a Solidade cumo um peru de roda.

GASPAR — O que está aí a dizer, Coqueluche!?

COQUELUCHE — Tou dizendo o qui todo mundo já arreparou. Só você é qui parece tê peneira nos ói.

GASPAR — Não poderei nunca duvidar de Solidade.

COQUELUCHE — Apois progunte aqui ao Dois de Paus. (GASPAR FITA D. DE PAUS, INTERROGATIVAMENTE)

D. DE PAUS — Eu num seio si a Solidade dará cabimento, o qui eu seio é qui já peguei o safadim im sufragante.

GASPAR — Como, Dois de Paus?

D. DE PAUS — Arruiando, João Gaspar, arruiando cumo um pombim, atrás da Solidade.

COQUELUCHE — Si fosse comigo... ele num via bóia. Eu dava umas mucica naquele garrote.

GASPAR — Não, Coqueluche. Não há motivo para tanto. O Gustavinho mostra-se amável com todas as moças.

COQUELUCHE — É. Adispois qui ele chegou aqui tá feito melão de chêro. . .

D. DE PAUS — Pur causo dele o Ciriaco virou o pangaio na festa d'isturdia.

GASPAR — Como foi, D. de Paus? Você assistiu?

D. DE PAUS — Assisti. Eu tava tocando haimônica. Era gente cumo os trinta. Chega tava assim. . . batendo chifre. Já no cuspi dos pintos, ou mió, já no amuidá dos galo, o Ciriaco arreparou qui o Gustavim tava dançando munto acanaiadamente; um negôço mermo sévergenho; tão agrudado qui pur ali num passava nem esprito malino. Antonce, o Ciriaco mandou pará haimônica, pegou o Gustavim pula amarra do chucáio e dixé tanto desaforo, qui o melão de chêro ficou arvim, da cô duma vela de espremasete.

GASPAR — Com quem dançava ele na ocasião?

D. DE PAUS — C'a Purchéra.

COQUELUCHE — João Gaspar, você abra o ôi. Aquele malandro tá disquietando a moça. O home é da praça, o home sabe falá, o home é de famia grande, o home é bem imperuado de cara. . . E tatatá, tatatá. Ela pur mais tino qui pissúa, acaba é sendo engabelada. (SAI/E.)

D. DE PAUS — E você acaba sendo é enrolado, João Gaspar. (SAI D.)

GASPAR — (SÓ) Não. Não posso crer que a minha adorada noiva seja capaz de tal deslealdade. (CANTA)

Não posso crer, jamais,
Que a minha Solidade
A virgem dos meus sonhos
Ditosos e risonhos
Com tanta crueldade
Me queira abandonar
Em tal deslealdade
Não posso acreditar

Ah! Fosse isso verdade
Quanto eu, então, sentiria
De certo, morreria,
De dor e de pesar.

Sempre
Fielmente retratada
Dentro
De meu firme coração
Vive
Sua imagem adorada

— Alma
Da mais santa perfeição
Tremo
Ao pensar que, porventura,
Ela
Possa um dia desprezar
Este
Puro amor, que é só ternura
Sinto
Morreria de pesar.

(REPETE A PRIMEIRA ESTROFE/FINDO O CANTO FICA TRISTE, A PENSAR)

Cena VIII

J. Gaspar e Solidade.

SOLIDADE — João!... Tão abstrato. Que tens?

GASPAR — Nada. Estava aqui a penar nas misérias do mundo.

SOLIDADE — Acho você tão diferente estes últimos dias, João.

GASPAR — Diferente!... É que eu não sei o que me adivinha o coração, Solidade.

SOLIDADE — Crês em pressentimentos?

GASPAR — Creio.

SOLIDADE — Pois eu não.

GASPAR — Ouve, Solidade: a maledicência humana é sem limites. Eu não tencionava falar-te, mas... é preciso. Depois que esse sr. Gustavinho aqui chegou, tenho ouvido tão desfavoráveis comentários sobre o procedimento dele... a teu respeito...

SOLIDADE — E tu acreditas?

GASPAR — Não acredito, mas acho que, pelo menos, devias evitar...

SOLIDADE — (INTERROMPENDO) Ou tens confiança em mim ou não tens.

GASPAR — Tenho, de certo, porém, não desejava mais ouvir histórias que tivessem, de leve sequer, a reputação daquela que escolhi para companheira de minha vida.

SOLIDADE — Eu é que não posso prender a língua do povo, sabe?!

GASPAR — Isto não é resposta que me dê, Solidade. Eu não te censurei, aconselhei-te apenas, externando o meu modo de pensar. E note, a isto eu me julgo com absoluto direito.

SOLIDADE — Pois reserva esse direito para quando, algum dia, for meu marido. Está entendendo? (SAI)

GASPAR — Mas como está mudada!... (TRISTE) E que triste situação a minha...

Cena IX

João Gaspar e Ferreira.

FERREIRA — (ENTRANDO E.) Ó João Gaspar!... (DESCENDO) Estás te vendendo caro, rapaz. Porque não tens aparecido com mais assiduidade?!

GASPAR — Não me tem sido possível, seu Ferreira. (BAIXA A CABEÇA)

FERREIRA — (DEPOIS DE OBSERVÁ-LO) Alguma coisa te acabrunha, João. Fala, abre o coração ao teu velho amigo.

GASPAR — Não, seu Ferreira.

FERREIRA — Mas então?! Não mereço a confiança de cousas que te dizem respeito, quando já te considero meu filho!

GASPAR — Obrigado, seu Ferreira.

FERREIRA — Mas fala, homem. Que diabo! É tão terrível assim o que me tens a revelar?!

GASPAR — Nenhuma revelação tenho a fazer-lhe, seu Ferreira.

FERREIRA — Dar-se-á o caso que estejas arrependido de haver contratado casamento com Solidade?

GASPAR — Não, seu Ferreira. Ela é que parece achar-se arrependida.

FERREIRA — Que dizes tu, João!? Em que te baseias para asseverar semelhante bobagem?!

GASPAR — Ela está tão mudada, depois que... (CALA-SE)

FERREIRA — Fala, homem.

GASPAR — Depois que essa gente da capital aqui chegou... Não posso tolerar o tal Gustavinho.

FERREIRA — (RINDO) Ah! Até que afinal consegui pegar o fio da meada. Estás com ciúme, rapaz.

GASPAR — Não, seu Ferreira. Mas é que... murmura-se muito por aí. Solidade não dá mais passos que não seja assediada pelo Gustavinho. E esse marmanjo é um tipo pernicioso, que aqui se vem portando de uma maneira indigna.

FERREIRA — Neste ponto não deixas de ter razão, João. Mas Solidade é incapaz de uma leviandade.

GASPAR — Mas ela está tão diferente. Há poucos momentos, aconselhei-a com bons modos; que procurasse esquivar-se de intimidades com o Gustavinho, e ela me respondeu de uma forma... que me penalizou a alma. (APARECE GUSTAVO) Lá vem o Gustavinho. Eu me retiro, seu Ferreira. (SAI D.)

Cena X

Ferreira, Gustavo e depois Dois de Paus

- GUSTAVO — (DE CASA/DE BINÓCULO, KODAC, TOALHA AO OMBRO) Adeus, João Gaspar. Lembranças, heim!... (PARA FERREIRA) Vamos ao banho, seu Ferreira.
- FERREIRA — (SÉRIO) Não senhor.
- GUSTAVO — Vamos, homem. Fazer um pouco de exercício, desenvolver os músculos.
- FERREIRA — Sr. Gustavinho, o seu procedimento aqui tem sido o mais reprovável possível.
- GUSTAVO — O que me diz, seu Ferreira?!
- FERREIRA — E o senhor ainda pode vir a sofrer as conseqüências de suas levandades.
- GUSTAVO — Não me recordo de haver cometido nenhuma.
- FERREIRA — O senhor, há poucos dias, provocou escândalo em casa do Ciríaco.
- GUSTAVO — Um ligeiro incidente. É que as danças modernas ainda não chegaram por cá.
- FERREIRA — (CONTINUANDO) O senhor tem procurado desfrutar as moças daqui, prejudicando-lhes a boa fama.
- GUSTAVO — Besteira, seu Ferreira! Tenho sido apenas galanteador. Platonicamente. Isto, acho eu, não bota, nem tira pedaço.
- FERREIRA — O senhor, certa vez que as filhas do Ciríaco banhavam-se no açude, foi visto trepado numa árvore, de binóculo, observando...
- GUSTAVO — Os panoramas. Isto não tem importância. (PAUSA) Terminou o libelo acusatório, seu Ferreira? Peço a palavra para produzir a defesa.
- FERREIRA — (DEPOIS DE FITÁ-LO) O senhor é realmente de um cinismo revoltante. Um canalhinha de marca. (SAI/ENTRA EM CASA)
- GUSTAVO — (SÓ, FURIOSO) Ah! Tu me insultas, cabra velho. Hás de pagar-me caro. Tu e tua filha, de cujo desdém hei de vingar-me sem contemplação. Deixa-te estar. (PASSEIO AGITADO)

Cena XI

Gustavo, Dois de Paus e depois J. Gaspar.

- D. DE PAUS — Tá girando, seu Gustavim?
- GUSTAVO — Girando está sua vó.
- D. DE PAUS — A minha já morreu, seu Gustavim. Percisa é de missa. E a sua é... viva ainda? (GUSTAVO PASSEIA) Seu

Gustavim vai o banhe todo arriado assim? (GUSTAVO PAS-SEIA) Tá ficando doido. (NOUTRO TOM) Me dixerum qui seu Gustavim quis avancá im riba do qui num era seu e saiu-se mal?!

GUSTAVO — Vá lamber sabão.

D. DE PAUS — Vou o que! . . .

GUSTAVO — Porque não dá meia volta?

D. DE PAUS — Porque num sou sordado.

GUSTAVO — Esse troço!

D. DE PAUS — Ói . . . Troço não. Troço é seu Gustavim qui vévi prisiguindo a Solidade, e ela faz é pouco causo.

GUSTAVO — Tu lá sabes o que dizes, papangu de quaresma. Ela é doida pur mim. Eu é que não ligo. Presto lá atenção a filha de feito!

D. DE PAUS — Canta, canário . . .

GUSTAVO — Eu tenho uma prova palpável. Posso mostrar-te. Queres?

D. DE PAUS — (ALVOROÇADO) Quero. Mas eu tou duvidando . . .

GUSTAVO — Mais tarde verás. Agora vou ao banho. (SAI D. A.)

D. DE PAUS — Você tava percisando mais era dum banho de cete. (APARECE D. B. JOÃO GASPAR) Ó João. Vem cá. (JOÃO APROXIMA-SE) O Gustavim me dixeu c'a Solidade tá doidinha pur ele.

GASPAR — Aquele sujeitinho é um gabarola. Eu só poderia acreditar se tivesse uma prova incontestável.

D. DE PAUS — E se você tivesse uma prova palpave, João?

GASPAR — Abandonaria tudo, partiria para muito longe, e nunca mais voltaria aqui.

D. DE PAUS — Você fazia isso, João?

GASPAR — Fazia.

D. DE PAUS — Arribava de uma vez, deixando a Solidade, quero dizê, deixando o campo livre pr'outro cristão mais feliz?

GASPAR — Naturalmente.

D. DE PAUS — (CONSIGO) Aí, eu podia entrá cum meu jogo, casá c'a Solidade, tal e cousa . . . (ALTO) João, você é um anjo. Me dê um beijo, João. (QUER BEIJÁ-LO)

GASPAR — (AFASTANDO-O) Sai daí. Vá beijá o diabo! (SAI/ENTRA EM CASA)

D. DE PAUS — (SÓ) Se o Gustavim num mentiu . . . tou de grande. O João Gaspar, cum atal prova palpave, se dana e ganha o oco do mundo, qui aquilo tanto tem de pequenino cumo de genioso . . . O Gustavim num qué casá . . . Tá é tappeando, e eu . . . pego a canja. Bem dizia minha vó: "O bocado num é pra quem o faz". (VAI A SAIR/D.)

Cena XII

Dois de Paus, Conde, depois Regina.

CONDE — (ENTRANDO E.) Como vai essa bizzarria, de Deus?
(APARECE REGINA)

D. DE PAUS — Sofrive.

CONDE — Quem é aquela senhorita?

D. DE PAUS — É uma moça da capital. (SAI)

CONDE — (CUMPRIMENTANDO) Minha senhora...

REGINA — (CORRESPONDE AO CUMPRIMENTO) (CONSIGO)
Deve ser esse o tal conde.

CONDE — Tenho imensa satisfação em apresentar-lhe os meus
respeitos.

REGINA — Muito obrigada. (PEQUENA PAUSA) Eu sei quem é o
senhor.

CONDE — (SURPRESO) Sabe?

REGINA — Sei. É o conde.

CONDE — (À PARTE, VEXADO) Com a breca! (ALTO/PASSEIA
AFLITO) Como consegui saber, senhorita?

REGINA — Foi o seu criado grave.

CONDE — Criado grave!

REGINA — Sim. Aquele que puxa por uma pata.

CONDE — (CONSIGO) O miserável.

REGINA — Mas eu guardo segredo. Eu sei que o senhor não quer
que se saiba. Está aqui disfarçado. Está incógnito.

CONDE — (CONSIGO) Eu estou aqui é no gume de um... cutelo.

REGINA — Cecy está muito entusiasmada com o senhor. Quer
casar.

CONDE — E ela sabe também... quem eu sou?

REGINA — Foi ela quem descobriu.

CONDE — E... assim mesmo quer?

REGINA — Assim mesmo não; por isso mesmo.

CONDE — (CONSIGO) Ora esta!

REGINA — E eu também quero.

CONDE — Casar comigo?

REGINA — Sim.

CONDE — (À PARTE) Mas olhem como é atirada. . (ALTO) Eu,
porém, não posso casar com as duas.

REGINA — Mas pode escolher.

CONDE — (À PARTE) Que sapeca! (ALTO) Mas a senhorita não
me conhecia, como é que, à primeira vista, fala em casar?

REGINA — Quer que eu use de franqueza?

CONDE — Naturalmente.

REGINA — Pois bem. Desejo ardentemente ser... condessa.

CONDE — (ADMIRADO) Condessa?

REGINA — Sim. O senhor não é conde?

CONDE — (RI) Só esta me faria rir... (NOUTRO TOM) Então quer casar comigo para ser... condessa...?

REGINA — Decerto.

CONDE — Está muito bem. E... quem sabe mais aqui do meu segredo?

REGINA — (CONTANDO) Somente eu, Cecy, Solidade e Conceição.

CONDE — Está muito bem guardado, não há dúvida.

REGINA — Não acha, sr. Conde?

CONDE — Acho. Mas não me trate por conde. E agora preste atenção: se chegar ao conhecimento de mais alguém aqui o meu... incógnito, zarpo imediatamente, sem, sequer, me despedir.

REGINA — Não tenha receio. (REQUEBRANDO-SE) O senhor, qual das duas prefere, a mim ou a Cecy?

CONDE — Mas a Cecy fala francês. (FAZ DISFARÇADAMENTE SINAL DE OUTREM) Mas a senhorita é bem... desenvolvida, heim?

REGINA — Eu? (CANTA)

Sei de uma menina
Bem
Ó lá
Outra tão viva não há
Faz-se a danadinha
De santinha
E então
Faz tudo ir no arrastão
E assim faceta
A tal capeta
É uma pimenta malagueta
Se alguém da bela admira
O primor...
Ela os seus olhos
Com candor
E assim toda garrida
Gozando vai a vida
O nome eu não lhes digo
Mas *pendant* comigo...

REGINA — E eu posso muito bem aprender.

CONDE — Bem. (CONSIGO) Procederei às averiguações. (ALTO) Estou encantado com a senhorita... E pode crer que... (AVISTANDO LADISLAU) vou resolver o caso. Adeusinho, minha flor.

REGINA — Adeusinho, sr. Conde. (ESTE SAI)

Cena XIII

Regina, Ladislau e depois D. de Paus

LADISLAU — Regina!

REGINA — Ladislau!

LADISLAU — Que encantadora surpresa. Como é que venho encontrar-te aqui?

REGINA — Vim com a Cecy passar alguns dias.

LADISLAU — Tenha gostado?

REGINA — Muito. Tenho me divertido a valer. E tu?

LADISLAU — Eu ando a serviço da Caixa Popular. Quem é aquele sujeito com quem conversavas?

REGINA — É um segredo, Ladislau.

LADISLAU — Um segredo?

REGINA — Sim. Eu vou confiar-te mas guarda discrição, heim?! É... o conde, anda disfarçado.

LADISLAU — (BATENDO NA TESTA) Conde! Ah! Bem que me estava parecendo!...

REGINA — Demoras aqui?

LADISLAU — Não sei. E tu?

REGINA — Também não sei quando retornaremos, Ladislau.

LADISLAU — Trata-me como dantes, queridinha. Chama-me Lalau.

REGINA — A! Lalau! Ainda me queres muito?

LADISLAU — De todo coração, meu amor.

REGINA — (CANTA)

Eu... quisera meu bem

Confiar-te um segredo

Não o digas... porém

Pois

De falar tenho medo

Mas, aqui prá nós dois,

Ouve então

A infinda expansão

De voraz paixão...

Podes crer

Eu não sei a razão

Fico toda a tremer

— Se me apertas... a mão

Não

Posso então me conter

Se nas faces, audaz,

Um beijinho me das...

Eu fui sempre assim
Meu rapaz
Se junto de mim
Tu estás
Eu sinto um tremor Bis
O Meu corpo agitar
E intenso calor
Que me faz abrasar.
(NA REPETIÇÃO LALAU CANTA)

LADISLAU — Tu és sempre assim

Minha flor
Se junto de mim
Tu estás
Eu noto um tremor
O teu corpo agitar
E intenso calor
Que te faz abrasar...

(AO FINDAR O CANTO, APARECE DOIS DE PAUS.)

D. DE PAUS — Tá fazendo uma inscriçãozinha da Caixa do Povo, seu Ladislau?

LADISLAU — Estou.

D. DE PAUS — Já encheu a caderneta?

LADISLAU — Você tem alguma cousa a ver com isto?

REGINA — (REQUEBRANDO-SE) Adeus, Lalau.

LADISLAU — Adeus, meu amor.

D. DE PAUS — Hum. Tá diantada a conchambrança

LADISLAU — Quem é o subdelegado daqui?

D. DE PAUS — É o Jurubeba.

LADISLAU — Adeus, Dois de Paus.

D. DE PAUS — (REQUEBRANDO-SE) Adeus, Lalau.

LADISLAU — Você num é besta não?! (VAI A SAIR)

D. DE PAUS — Seu Ladislau. (ESTE VOLTA-SE) Qué mingau na colhé de pau...

LADISLAU — (ABORRECIDO) Só se for de araruta... (SAI)

Cena XIV

D. de Paus, Gustavo e depois João Gaspar.

D. DE PAUS — (SÓ) Esse desgraçado do Gustavim num vem hoje do banho não. É capaz de andá atrepado narguma arve. (FINGE OLHAR DE BINÓCULO) (GUSTAVO APARECE) Seu Gustavim, a prova palpave...

GUSTAVO — Espere aí. (ENTRA EM CASA)

- D. DE PAUS — Se o negócio dé certo quem sai ganhando na festa sou eu. Sim, porque a Solidade... (GUSTAVO ENTRA)
- GUSTAVO — Está aqui... Veja que beleza! Veja como Solidade está dengosa agarradinha comigo.
- D. DE PAUS — Virge Maria, seu Gustavim. (BENZE-SE)
- GUSTAVO — Então, ela não gosta de mim?! Diante disto, e depois disto... Pipocas!
- D. DE PAUS — Me dê isto. Seu Gustavim.
- GUSTAVO — Não.
- D. DE PAUS — O menço me impreste. Le dou mais tarde.
- GUSTAVO — Tem que me devolver direitinho. Só tenho esta, e quebrou-se a chapa. (APARECE JOÃO E GUSTAVO ENTRA EM CASA)
- D. DE PAUS — João Gaspar... Ói aqui a prova palpave. Veja qui agarrado sévergonho. É palpave ou num é?
- GASPAR — (EXALTADO) Meu Deus!... Que cousa infame! (RASGA)
- D. DE PAUS — Num faça isso, não, João Gaspar. Que qui eu digo ao Gustavim?!
- GASPAR — (FORTE) Retire-se.
- D. DE PAUS — Mas João Gaspar...
- GASPAR — (GRITANDO) retire-se, já lhe disse.
- D. DE PAUS — (CONSIGO) Tá virando bicho... (SAI/ESCONDE-SE)
- GASPAR — (SÓ) Oh meu Deus! Meu Deus!

Cena XV

Gaspar e Ferreira.

- FERREIRA — João! Que tens, rapaz?!
- GASPAR — Acabo de rasgar uma fotografia em que se viam Solidade e o sr. Gustavinho... abraçados.
- FERREIRA — O que, João! É possível! Minha filha?!
- GASPAR — Vou partir, seu Ferreira. Vou partir para bem longe desta terra.
- FERREIRA — Não faças isto, João.
- GASPAR — Parto, seu Ferreira. Imediatamente. Eu não quero fazer uma desgraça. Basta um assassino na família, seu Ferreira. O senhor sabe, meu irmão Fortunato por uma questão como esta matou um homem. (FERREIRA BAIXA A CABEÇA) E meu pai morreu de desgosto. Eu não quero cometer um desatino, e ver minha mãe morrer de desespero. Prefiro partir. Adeus, meu bom amigo.
- FERREIRA — (COM SOLUÇOS NA VOZ) (ABRAÇA-O) Adeus, João. E perdoa a minha desgraçada filha. (SAI COMOVI-DO/ENTRA EM CASA)

GASPAR — (SÓ) (CANTA)

Comigo a sorte
Foi inclemente
Antes a morte
Que sofrer
Amargamente
Assim
Que desalento
Minh'alma invade
Sem piedade
É um tormento
Enfim
Na veemência
Do sofrimento
Eu vou deixar
A minha terra
Tão querida
E então
Minha existência
Vai ser triste
E dolorida
Na angústia atroz
Deste penar sem fim
Que cruel desilusão
Me faz assim carpir
A sua atrocidade
E, na hora de partir,
Eu sinto o coração
Chorando de saudade...
— Ao pensar na ingratidão
Daquela criatura
Que amava com ternura
Sinto o pobre coração
Imerso na amargura
A vibrar de aflição... (SAI)

D. DE PAUS — (SÓ) Tá furioso.

(APARECE GUSTAVO)

Cena XVI

Gustavo e Dois de Paus.

GUSTAVO — Qu'e de o João Gaspar?

D. DE PAUS — Saiu fumegando... Vai partir.

GUSTAVO — Vou ao bota-fora. Quero mandá lembrança pra Faráó. (SAI RINDO COM D. DE PAUS)

Cena XVII

Conde, Regina e depois Dois de Paus.

REGINA — (DESCENDO) Se eu conseguisse ver o conde. Quero *blufar* a Cecy. (SORRI) (OLHANDO D.) Lá vem ele. (DERRETE-SE)

CONDE — Encantadora divindade.

REGINA — (CUMPRIMENTANDO) Sr. Conde.

CONDE — Já lhe pedi que não me tratasse pelo título. Chame-me Felipe.

REGINA — Já resolveu?

CONDE — Ainda não. Enquanto não souber, se a senhorita fala francês...

REGINA — Faz tanto empenho nisto?

CONDE — Absoluto. Sine qua... non.

D. DE PAUS — (ENTRA RINDO PERDIDAMENTE/COM UMA BOTINA NO DEDO) O João Gaspar! (RI) O João Gaspar... isbrugou... (RI) isbrugou a... (RI)

CONDE — Esbrugou O QUE, homem?

D. DE PAUS — A... A... (RI) A focinheira do Gustavim. (RI) Me ri chega chorei.

CONDE — Como foi?

D. DE PAUS — O João desmanchou o casamento e vai imbaicá pros Alamazonas.

CONDE — Mais um... para o Acre. (4)

D. DE PAUS — E antonce já tava c'o pé no istribo, mode i tomá o vapô do má. Nisto, pur arte do cão, chega o Gustavim e começa a fazer mangoça. O João, aí, barrou-le a mão na amarra do chucái, qui o mocotó virou. Alevantou-se pá caí de novo.

REGINA — Coitado!

CONDE — E ele não reagiu?

D. DE PAUS — Qual reagí!... Foi tantos tapo-ôi, como tantas queda. Comeu terra cumo quisé... Tá é impapado.

Cena XVIII

Os mesmos e Gustavo.

GUSTAVO — (ENTRA BOTANDO A ALMA PELA BOCA, UM OLHO ARRASADO, O CHAPÉU RASGADO, ETC) Aquele miserável pegou-me a traição.

D. DE PAUS — Ora boca de treição. O João Gaspar é home cumos trinta.

(4) Título de uma esquete por demais representada em meados dos anos 30 e fins de 20.

GUSTAVO — Todos vocês aqui são uns covardes, uma corja de patifes.

D. DE PAUS — (ARREGAÇANDO AS MANGAS) Ah? Você achou pouco? (GUSTAVO ACORVADADO SAI)

CONDE — O que é isto? Deixe o rapaz em paz.

D. DE PAUS — É. Ele tá pensando qu'isto aqui é brincadeira feme... (NOUTRO TOM) Eu vim pedi a Solidade, mode casá.

REGINA — Tão depressa assim?

CONDE — Com esse cavanhaquezinho de pai de chiqueiro...

D. DE PAUS — Besteira!...

CONDE — Mas você vem pedi a moça em casamento com o sapato no dedo!?

D. DE PAUS — É o dimõnhe dessa butina... Tá pertado cumo os dianga.

CONDE — Calce a bota. Você não vai pedir a mão da moça?

D. DE PAUS — Antonce mode pedí a mão é perciso calçá o pé.

REGINA — Naturalmente. Ela pode... espirrar.

D. DE PAUS — Será torrado?

REGINA — É muito pior.

D. DE PAUS — Ói, menina, pode dizê a Solidade qu'eu hei de sê um marido João Capingui.

REGINA — João Capingui?

D. DE PAUS — Inhora sim. É só ali, no cabresto. Um marido varunca.

REGINA — Varunca?

D. DE PAUS — Num vê, menina, qui hai três espécie de marido. Marido varão, marido varela e marido varunca.

CONDE — E qual a diferença?

D. DE PAUS — Varão, manda ele — e ela não. Varela, manda ele e manda ela. Varunca, manda ela e ele nunca.

REGINA — (OLHANDO PARA CONDE) Ah!... Quando eu me casar, quero um marido varunca.

D. DE PAUS — S'eu num tivesse esse rabicho pela Solidade tava às suas orde, menima.

REGINA — (OLHANDO PARA CONDE) Eu quero um bem cabresteiro...

D. DE PAUS — Cabresto, curto, menina. Mode ele num avançá na roça aleia... (NOUTRO TOM) A menina acha c'a Solidade aquecede?

REGINA — (TROÇANDO) Deve aquécedê.

D. DE PAUS — Qui Deus a oiça, menina, o dimonhe seje surdo. (SOLIDADE FERREIRA E CEIÇÃO APARECEM)

REGINA — Aí vem Solidade. (SAI)

D. DE PAUS — Solidade... você já sabe qui o João Gaspar partiu pur Alamazonas?

SOLIDADE — Partiu?

D. DE PAUS — Partiu, inhora sim.

SOLIDADE — E eu gosto tanto dele... tanto!

D. DE PAUS — Ele dixeu qui nunca mais vortava aqui.

FERREIRA — (APROXIMANDO-SE) Espero em Deus, que há de voltar. O sertanejo cearense é extremamente amigo de seu torrão natal. Deixa-o, tangido pela necessidade ou pelo infortúnio. Mas, pode estar distante, muito longe mesmo, tendo notícia de um inverno promissor, as saudades lhe apertam, e ele volta à sua terra.

CONDE — É um fato.

FERREIRA — Até no gado se observa isto. Uma vaquinha de Boa Viagem (5) já estava acostumada aqui no sítio. Mas, quando desabaram este ano os primeiros aguaceiros, desapareceu. Tinha voltado para os pastos velhos ao sentir o cheiro bom e sadio do inverno. (SOBE)

CONDE — Que é cumo o cheiro sadio e bom... da cabocla nortista.

D. DE PAUS — Ou home inscandaloso... (NOUTRO TOM) Solidade, você agora podia casá comigo.

SOLIDADE — Não senhor.

D. DE PAUS — Então, não qué?

SOLIDADE — (ABORRECIDA) Não, senhor. Já disse.

D. DE PAUS — Pronto. Amarrou o bode. Tá intufada.

CONDE — Você tomou o bonde errado, Dois de Paus. (SAI)

D. DE PAUS — Apois se fosse do gosto da menina, eu podia munto bem bancá o Adão aqui no Paraíso. (6)
(OUVE-SE O RUÍDO DE UMA LUTA, TIROS E ETC./FERREIRA DESCE)

TODOS — O que será isto?

(ENTRAM LADISLAU E COQUELUCHE)

(5) Município/CE.

(6) No manuscrito, os diálogos seguintes estão riscados, dando a entender que o autor os tenha suprimido. Preferimos conservá-los, pois sem eles os seguintes fatos ficariam sem solução ou justificativa:

- a) o mistério em torno da verdadeira identidade de Conde;
- b) a venda do "Paraíso";
- c) a chegada de Ladislau;
- d) a partida de Gustavo, Regina e Cecy.

CENA FINAL

Os mesmos, Coqueluche e depois Lalau, Conde, Zé-Esfola, Jurubeba, Papa-Terra, Regina e Cecy.

COQUELUCHE — O Jurubeba e o Papa-Terra prederum seu Felipe Silveira. Prenderum ele e o criado granido. (SAI)

FERREIRA — Por que?

LADISLAU — É gatuno e assassino.

CONCEIÇÃO — O que?... O senhor Conde?

LADISLAU — Tobias Conde. Era sargento e de combinação com o soldado que o acompanha feriu gravemente um oficial e roubou o cofe do Batalhão.

(ESPANTO GERAL)

CONCEIÇÃO — Virgem! (NOUTRO TOM) Lá vem ele... Lá vem ele.

(ENTRAM AMARRADOS CONDE E ZÉ-ESFOLA, CONDUZIDOS POR JURUBEBA E PAPA-TERRA).

D. DE PAUS — Agoenta, Felipe! Vai nas embira, heim cabôco?!

CONDE — (PARA LADISLAU) Foi você que me denunciou patife!

LADISLAU — Patife é você.

CONDE — Havemos de nos encontrar.

JURUBEBA — Siga. (SAEM)

LADISLAU — (TIRANDO UM TELEGRAMA) Dois de Paus, a sua caderneta foi premiada.

D. DE PAUS — O que? Tirei dez contos?

LADISLAU — Tirou. (Os PRESENTES OLHAM-SE) Pode ir receber. Rua Floriano Peixoto N.º 254. (SAI)

D. DE PAUS — 10 contos de réis!... Tou rico minha gente!

FERREIRA — É muita felicidade!...

D. DE PAUS — Seu Ferreira, eu lh'empresto o cobre mode comprá o Paraíso.

FERREIRA — Obrigado, Dois de Paus. Tu és uma alma generosa.

D. DE PAUS — E se a menina Solidade quisesse...

SOLIDADE — Não, Dois de Paus. Ou o João... ou ninguém.

D. DE PAUS — Triminantemente?

SOLIDADE — Terminantemente.

D. DE PAUS — Antonce com licença. (TIRA O SAPATO) Ufa! Ou disilusão! (FICA TRISTE)

(ENTRA GUSTAVO)

GUSTAVO — (ENTRANDO) Dois de Paus, estás sentido as mágoas do amor?

D. DE PAUS — Quem é que nestas cercunstanças inda me fala de amô!...

GUSTAVO — Seu Ferreira estou de viagem.

D. DE PAUS — Há mais tempo.

FERREIRA — Logo qui o senhor chegue na Capital pode mandar lavrar a escritura de venda do “Paraíso”. Eu o compro.

GUSTAVO — Arranjou o bronze?

FERREIRA — O D. de Paus tirou dez contos na Caixa do Povo e m’empresta.

GUSTAVO — Está muito bem.

FERREIRA — O senhor vai chegar na Capital cum a lata suficientemente amassada! . . .

GUSTAVO — Besteira, seu Ferreira! (GRITA) Vamos, meninas.

D. DE PAUS — Antonce Solidade tu num qué mêrmo não?

SOLIDADE — Não.

D. DE PAUS — Muié quano teima é pió do qui reima. Apois se algum dia se arresolvê e percisá dum Adão. . . eu peço a preferência.

GUSTAVO — Este Dois de Paus é um número!

(ENTRAM REGINA E CECY, PREPARADAS PARA A VIAGEM)

AS DUAS — Adeus, Solidade. Adeus, Ceição.

D. DE PAUS — Tão alegre qui viemo e tão triste qui voltemo.

GUSTAVO — Adeus, meninas, adeus, seu Ferreira, adeus, Dois de Paus.

D. DE PAUS — Adeus, seu Gustavim. Se nós num se vê mais, qui seja pur morte sua.

(CANTO) (7)

FIM

(7) Sem maiores referências.